

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
CURSO DE MESTRADO EM FILOSOFIA

DISSERTAÇÃO

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO
CORPO EM SCHOPENHAUER.**

Rio de Janeiro, RJ.

Tatiane Felix de Carvalho

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
CURSO DE MESTRADO EM FILOSOFIA**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CORPO EM
SCHOPENHAUER – RIO DE JANEIRO, RJ.**

TATIANE FELIX DE CARVALHO

Sob a Orientação do Professor
Affonso Henrique Vieira da Costa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Filosofia**, no Curso de Pós-Graduação em Filosofia, Área de Concentração Filosofia.

Seropédica, RJ

Julho/2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (ICHS)
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PPGFIL**

TATIANE FELIX DE CARVALHO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Filosofia** no Curso de Pós-Graduação em Filosofia, área de Concentração em Filosofia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 19 DE JULHO DE 2021

Conforme deliberação número 001 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Affonso Henrique Vieira da Costa, Doutor, UFRRJ.

(Orientador)

Gilvan Fogel, Doutor, UFRJ.

Danilo Bilate de Carvalho, Doutor, UFRRJ.

Marcelo José Derzi Moraes, Doutor, UERJ.



Emitido em 2021

DOCUMENTO EXTERNO Nº 417/2021 - PPGFIL (12.28.01.00.00.92)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 15/10/2021 11:06)
AFFONSO HENRIQUE VIEIRA DA COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PPGFIL (12.28.01.00.00.92)
Matrícula: 1879350

(Assinado digitalmente em 15/10/2021 10:00)
DANILO BILATE DE CARVALHO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptFILO (12.28.01.00.00.85)
Matrícula: 1039378

(Assinado digitalmente em 19/10/2021 18:33)
MARCELO JOSÉ DERZI MORAES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 085.296.107-33

(Assinado digitalmente em 15/10/2021 11:07)
GILVAN LUIZ FOGEL
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 341.491.047-00

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:
417, ano: 2021, tipo: DOCUMENTO EXTERNO, data de emissão: 14/10/2021 e o código de verificação:
e4d3e901c1

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331c Carvalho, Tatiane Felix de, 1985-
Considerções sobre a importância do corpo em
Schopenaheur / Tatiane Felix de Carvalho. - Rio de
Janeiro, 2021.
95 f.

Orientador: Affonso Henrique Vieira da Costa.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPGFIL, 2021.

1. Schopenhauer. 2. corpo. 3. mundo. 4.
representação. 5. vontade. I. Costa, Affonso Henrique
Vieira da, 1966-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. PPGFIL III. Título.

AGRADECIMENTOS

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

O percurso foi difícil, mas cheguei ao objetivo final de completá-lo. Isso foi possível somente porque tive pessoas que me apoiaram e me deram forças para continuar a trilhar meu caminho. Embora tenha passado por momentos difíceis durante o curso de mestrado, problemas pessoais e problemas divididos com milhares de brasileiros em um ano atípico de pandemia e muitas perdas, o que por muitas vezes me desanimou, estas pessoas me deram força e incentivo para continuar e nunca desistir. Agradeço a meu marido Diego Daniel pelo carinho, amor, paciência e incentivo a mim destinados, foi o maior suporte que eu poderia receber.

Ao meu orientador Affonso Henrique Vieira da Costa pela compreensão e respeito que demonstrou a mim e pela paciência em me instruir, pelos momentos de descontração, boas conversas e inspiração com seus belos textos assim como indicações de leitura e filmes.

Agradeço a meus pais e à minha família pelo carinho e torcida. Aos meus amigos pelas risadas.

Agradeço ao corpo docente do PPGFIL, aos funcionários pela amabilidade, atenção e ajuda.

Agradeço à banca examinadora que me ajudará muito com seus conselhos e que se prontificou a examinar este trabalho, aos Professores Doutores Danilo Bilate, Gilvan Fogel e Marcelo José Derzi Moraes, este último em especial pelo incentivo ainda na graduação para ingressar no programa de mestrado.

RESUMO

CARVALHO, Tatiane Felix de. **Considerações sobre a importância do corpo em Schopenhauer: Rio de Janeiro, RJ.** 2021. 92p Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

O presente trabalho tem por objetivo levantar questões sobre a relevância do corpo como instrumento para o conhecimento do mundo a partir da obra de Arthur Schopenhauer intitulada *O Mundo Como vontade e representação*. Esta, de certo modo, tem elaborada sua teoria sobre o conhecimento do mundo a partir de uma influência clara do kantismo ao afirmar que o mundo como conhecemos é mera aparência ou fenômeno da realidade em si. Esse fenômeno passa a ser denominado por Schopenhauer como representação, enquanto a coisa em si do mundo seria chamada por ele de vontade. Entender o conceito de corpo, sua função e sua importância como mediador do conhecimento entre o sujeito que conhece, a representação conhecida e a Vontade, mostra-se relevante para o entendimento do mundo como Representação e como Vontade, nos possibilitando compreender o mundo visto sob pontos de vista diferentes, assim como entender dupla significação do corpo em seu sistema metafísico que ora aparece como Representação e ora aparece como Vontade, nos possibilitando o conhecimento de ambos.

Palavras-chave: Corpo, Representação, Vontade.

ABSTRACT

CARVALHO, Tatiane Felix de. **Considerations about the importance of the body in Schopenhauer: Rio de Janeiro, RJ.** 2021. 92p Dissertation (Master's degree in Philosophy). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

The purpose of this work is to raise questions about the relevance of the body as an instrument for the knowledge of the world, based on Arthur Schopenhauer's work entitled *The World as Will and Representation*. The latter, in a way, elaborates its theory on the knowledge of the world from a clear influence of Kantism when it affirms that the world as we know it is a mere appearance or phenomenon of reality itself. This phenomenon comes to be called by Schopenhauer as representation, while the thing in the world itself would be called by him will. Understanding the concept of the body, its function and its importance as a mediator of knowledge between the subject who knows, the known representation and the Will, proves to be relevant for understanding the world as Representation and as Will, enabling us to understand the world seen under different points of view, as well as understanding the double meaning of the body in its metaphysical system that sometimes appears as Representation and sometimes appears as Will, enabling us to know both.

Keywords: Body, Representation, Will.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I	
O MUNDO SEGUNDO SCHOPENHAUER	
1.1 A problemática do mundo	8
1.2 O mundo como representação para e por um sujeito	10
1.3 O outro lado do mundo: Vontade	14
1.4 O conhecimento como suspensão da Vontade	18
1.5 O conhecimento das Ideias pela contemplação da arte	21
1.6 O gênio como mediador do conhecimento das Ideias	23
1.7 A ética da Vontade	25
1.8 O bom e o mau	28
1.9 A negação da vontade	28
CAPÍTULO II	
O CORPO COMO REPRESENTAÇÃO	
2.1 A Representação relacionada ao sujeito-objeto	32
2.2 Representações intuitivas e imediatas	37
2.3 A Representação submetida ao Princípio de razão	39
2.4 O entendimento	41
2.5 O corpo como instrumento de conhecimento da representação	44
2.6 A representação e os corpos animais	48
2.7 O corpo humano, objeto conhecido e conhecedor	50
CAPÍTULO III	
O CORPO COMO VONTADE	
3.1 A passagem do conhecimento da representação para o conhecimento da Vontade ...	56
3.2 A Vontade como matéria conhecida nos organismos	61
3.3 A Vontade nos corpos animais	65
3.4 A vontade nos corpos humanos	68
3.5 O corpo como instrumento de conhecimento da Vontade	74

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

INTRODUÇÃO

O conhecimento do mundo em sua totalidade é uma pretensão que sempre permeou o desejo da humanidade, desde a antiguidade até o dia de hoje. O mesmo desejo foi o que impulsionou o pensamento racional e filosófico, fazendo com que os estudos metafísicos fossem sempre a base para a busca do conhecimento da realidade. Em meio a tantas teorias filosóficas sobre a realidade e o conhecimento desta e a teoria kantiana sobre o conhecimento utilizando em sua explicação para tal os termos “coisa em si” e “fenômeno”, surge Schopenhauer, um filósofo de origem polonesa, mais precisamente nascido na cidade de Danzig (1788), e que aos cinco anos passou a viver na Alemanha, onde, em sua vida adulta, fez sua carreira acadêmica e se consagrou com seu escrito sobre o mundo intitulado *O mundo como vontade e representação* (1818). Nesta obra há um estudo metafísico minucioso sobre o mundo, mostrando sua influência direta recebida pela metafísica kantiana, em uma releitura desta. Assim, neste estudo veremos muitas referências a Kant quando o filósofo de Danzig se utiliza dos termos coisa em si e fenômeno, mas também procuraremos entender como há uma continuação do kantismo por Schopenhauer, mostrando um uso próprio que ele faz dos conceitos kantianos. Entretanto, em sua reformulação, ele apresenta uma solução para o problema da compreensão da coisa em si mostrado por Kant como inacessível ao conhecimento. Desta forma, Schopenhauer busca mostrar que existe um ponto chave para o conhecimento do mundo, visto ora como Vontade e ora como Representação. Este ponto chave é o corpo que pode ser entendido como aquele que está presente sob as duas óticas do mundo e por isso ele se torna o elo que une o conhecimento da Vontade e da Representação.

Esta dissertação propõe estudar o corpo como parte significativa para a compreensão da metafísica de Schopenhauer, investigando como este conceito está presente de forma relevante na visão filosófica do pensador em questão. Este estudo busca mostrar que o corpo é o ponto crucial para o conhecimento do mundo, seja ele tomado sob o ponto de vista da Representação, seja ele tomado sob a perspectiva da Vontade. Diante disso, corpo está presente em grande parte da filosofia de Arthur Schopenhauer, enquanto objeto de conhecimento e objetivação imediata da Vontade, ou seja, visto como Representação e como Vontade. Assim, mostrando se é possível ou não o conhecimento do mundo além das aparências, e como este é possível se considerarmos o corpo como aquele instrumento que nos permita conhecer o mundo por completo.

Para tanto, esta dissertação será composta de três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *O mundo segundo Schopenhauer*, buscaremos esmiuçar a visão geral do filósofo sobre o mundo, investigando sua teoria sobre a Vontade e a Representação, sob os dois primeiros pontos de vista de sua principal obra, compreendendo sua retomada da filosofia kantiana a partir de sua interpretação dos conceitos metafísicos - *coisa em si e fenômeno* -, fazendo uma análise dos principais pontos de *O mundo como vontade e representação*, necessários para o entendimento dos capítulos subsequentes. No entanto, este apanhado geral não irá se aprofundar em temas subsequentes, além da visão geral sobre o mundo, visto sob o ponto de vista da Vontade e da Representação. Consideraremos apenas neste capítulo o necessário para um conhecimento base para o aprofundamento nos dois primeiros livros de *O mundo...*, que será objeto desta dissertação.

No segundo capítulo, que traz o título *O corpo como representação*, investigaremos a representação sob o primeiro ponto de vista, buscando entender o conceito de corpo inserido nela, sua função e sua importância como mediador do conhecimento entre o sujeito que conhece e a representação conhecida. Para tanto, esse capítulo discorrerá sobre como se dá o conhecimento do mundo fenomênico para um sujeito e como o corpo está diretamente ligado nesse processo de conhecimento. Isso será elaborado considerando que sujeito é todo aquele ser que apreende sua realidade a partir de seu conhecimento intuitivo e que a partir deste pode ter a representação de mundo desde sua percepção que se dá pelos sentidos em seu corpo e pode compreendê-la como existente e real através de seu entendimento. Como representação, podemos entender o corpo como ponto de partida para o conhecimento do indivíduo por si mesmo e para o conhecimento do mundo exterior a ele. Desta forma, o sujeito compreende sua própria individualidade e concebe seu próprio corpo enquanto objeto que assim como outros está submetido ao espaço, tempo e causalidade – leis que compõem o princípio de razão e que regem todas as intuições que originam o conhecimento das representações – entendendo que este mundo conhecido como representação só existe ou só pode ser conhecido por e para um sujeito. Este se torna um sujeito de conhecimento quando o reconhecemos enquanto corpo formado entre o próprio sujeito e representação, como partes inseparáveis e análogas. Logo, o corpo pode ser entendido como um objeto de intuição submetido às condições formais de pensamento, espaço e tempo. Desta forma, este capítulo tratará de como se dá o conhecimento do mundo como representação e como esta intuição das representações está ligada diretamente ao corpo do ser que representa este mundo tratando este corpo como

representação entre as demais representações e também como aquele que é o ponto chave para o conhecimento das demais representações fora ele.

No terceiro capítulo chamado de *O corpo como vontade*, trataremos sobre o conhecimento da Vontade através do corpo sob o primeiro ponto de vista, e este será visto como um objeto mediador do conhecimento. Através dele podemos conhecer a Vontade a partir dos efeitos no corpo do indivíduo. Desta forma, o corpo é a Vontade que se torna objeto para o conhecimento de forma mais pura, é a mais clara objetivação da coisa em si. O conhecimento que tenho da minha Vontade é o conhecimento que tenho do meu corpo e os atos do meu corpo são o conhecimento da minha Vontade. A partir destas considerações, Schopenhauer mostra que podemos entender nosso corpo como Vontade a partir de seus atos, mostra também como corpo percebe a vontade atuando sobre ele, partindo daquilo que este sente, seja dor ou sofrimento quando está em desacordo com a Vontade ou como prazer e satisfação quando está em acordo com ela. Logo, a Vontade não pode ser conhecida pelos meios do princípio da razão, mas ela pode ser conhecida a partir do corpo em seus atos isolados, se considerarmos que a Vontade é única e indivisa. Daí podemos concluir que a Vontade, vista no corpo como objetividade dela mesma e sentida no corpo como atuação desta, é a mesma Vontade que constitui o mundo, mas vista de forma diferente. Assim, podemos dizer que o corpo é para Schopenhauer o melhor instrumento de conhecimento da realidade como Vontade, além do conhecimento do mundo como Representação.

CAPÍTULO I

O MUNDO SEGUNDO SCHOPENHAUER

1.1 A problemática do mundo.

Este capítulo tentará pensar o mundo de acordo com os estudos acerca de Schopenhauer, procurando investigar o seu sentido, fazendo uma análise de alguns dos principais assuntos abordados na obra *O mundo como vontade e representação*, que será utilizada como base para esta dissertação. Faz-se necessário a análise e entendimento prévios desses principais temas para que os demais capítulos possam ser entendidos de forma mais clara e direta. Para isso, abordaremos o mundo entendido como representação para e por um sujeito inserido nele e o mundo como vontade explicitando a problemática do livro. No entanto, este não será o propósito maior dessa dissertação, mas sim abordar o corpo como elemento principal para o conhecimento deste mundo tanto como Vontade quanto como Representação. Desta forma, é necessária uma primeira abordagem sobre a temática da filosofia schopenhaueriana a partir de sua concepção de mundo.

Arthur Schopenhauer, em *O Mundo Como vontade e representação*, elabora sua teoria sobre o conhecimento do mundo a partir de uma influência clara de Kant ao afirmar que o mundo como o conhecemos é mera aparência ou fenômeno da realidade em si; esse fenômeno passa a ser denominado por Schopenhauer como Representação, enquanto a coisa em si do mundo seria chamada por ele de Vontade.

Ao iniciar a primeira das quatro partes de *O mundo...*, afirmando que “o mundo é minha representação”, o filósofo nos leva a um entendimento um pouco diverso daquele dado por Kant¹. Ele nos leva a entender que a existência desse mundo como o percebemos só é possível graças a este sujeito que a percebe, ou seja, só há representação e um conhecimento desta para um ser conhecedor. Pretendendo tratar a questão de forma diferenciada, ele toma a representação como ponto de partida para o conhecimento do mundo pelo sujeito inserido nele. Este modo de entendimento do mundo como representação corresponderia ao fenômeno

¹ Immanuel Kant criou os conceitos metafísicos coisa em si e fenômeno. A coisa em si corresponde ao mundo essencial, ou seja, à realidade das coisas, enquanto o fenômeno seria a aparência das coisas, deste mundo essencial. Desta forma, Schopenhauer busca relacionar conceitos de vontade e representação com os conceitos kantianos onde a vontade corresponde à coisa em si e a representação corresponde ao fenômeno.

kantiano, ou seja, à forma como a realidade aparece para os sentidos, o mundo como representação seria a objetivação da Vontade, onde esta se torna objeto para um sujeito. Segundo Schopenhauer:

Verdade alguma é, portanto, mais certa, mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro é apenas objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação [...] Tudo que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este. O mundo é representação.²

Logo, entendemos que Schopenhauer defende que, para o sujeito, o mundo existe apenas como representação, de modo que este sujeito aparece como elemento crucial para sua teoria da existência do mundo fenomênico. Sendo assim, o mundo existe apenas para e por um sujeito para o qual é representado; o sujeito seria, então, aquilo que sustenta o mundo como já observa Jair Barboza ao compará-lo ao personagem mítico Atlas.

A realidade exterior é intelectual. Parecido ao personagem mítico Atlas, que sustentava o mundo nas costas, assim é cada homem, que carrega sozinho em sua cabeça o mundo inteiro. Bastaria um único sujeito para construir um objeto.³

Aquele que representa só é sujeito na medida em que conhece e não quando é conhecido. Podemos entender, então, que o mundo como representação pode ser concebido em uma dualidade: em uma parte, seria objeto que é conhecido em um determinado espaço e tempo, e a outra parte seria o sujeito que está fora do espaço e tempo e aquele para o qual a existência do mundo prescinde. Estas duas metades são inseparáveis para o conhecimento do mundo em seu lado exterior e que constitui a representação na teoria schopenhaueriana. A partir do momento em que o homem entende que não conhece em si mesmo o mundo e todas as coisas a sua volta, mas conhece apenas a sua representação como aquilo que consegue perceber pela experiência, nasce nele o verdadeiro espírito filosófico, isto é, quando o homem

² SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 3, § I.

³ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna, 1997. p.34.

reflete e percebe que a existência só pode ser concebida a partir da relação sujeito e objeto e estes são inseparáveis, um dependendo da existência do outro, compreendendo que o sujeito acaba onde começa o objeto.

A representação seria uma atividade cerebral complexa do animal, que tem por fim a consciência de uma imagem. Ela é aquilo que aparece como imagem para o entendimento e para que esta imagem representativa exista é necessário um processo mental do sujeito que possui formas inatas de conhecimento que fazem com que seja possível a apreensão do mundo como representação. Essas formas são: espaço, tempo e causalidade⁴, que juntas constituem o chamado princípio de razão, o qual reside de forma a priori na consciência do sujeito; tudo que conhecemos é conteúdo deste princípio. Espaço, tempo e causalidade dependem do objeto e este, como representação, pertence ao sujeito. Então, estes princípios também dependem do sujeito para o qual o mundo é representado.⁵

1.2 O mundo como representação para e por um sujeito.

Schopenhauer afirma que o mundo pode ser entendido sob uma dupla significação, ou duas formas com as quais podemos entendê-lo: de um lado ele é Vontade, ou seja, o substrato de todas as coisas que existem, ou o em si de tudo e, por outro lado, ele é representação, isto é, aquilo que percebemos e conhecemos intuitivamente, que é objeto de nosso conhecimento. Então, ao iniciar a primeira parte de *O mundo...*, ele afirma que o mundo é minha representação, deixando claro seu entendimento de que o mundo como é conhecido por nós é apenas representação ou, segundo sua interpretação da teoria kantiana, só conhecemos o mundo pelo entendimento do seu lado fenomênico.

O mundo é minha representação. Essa é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica. Torna-se claro e certo que não conhece sol algum e

⁴ Segundo Kant, nós percebemos o mundo por meio de 12 categorias (o que foi demonstrado por ele na *Crítica da Razão Pura*, na seção “Analítica Transcendental”). No entanto, Schopenhauer restringe essas categorias apenas à noção de causalidade. Para criar a representação do mundo, nosso intelecto organiza as formas a priori do tempo e espaço utilizando a causalidade não só como sucessão no tempo, mas como ligação de determinado tempo em determinado espaço, constituindo o Princípio de Razão.

⁵ O assunto será tratado de forma mais profunda no capítulo subsequente, onde serão abordados os conceitos de representação submetidos ao princípio de razão.

terra alguma, mas sempre um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. Que o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo.⁶

Podemos compreender que o mundo é representação para todos os seres vivos, no entanto só no homem essa verdade é atingida de forma reflexiva e abstrata, possibilitando a reflexão filosófica ao inferir que tudo que existe é apenas objeto para o ser que intui. O mundo como representação é o fenômeno do mundo real, a objetivação da Vontade enquanto em si do mundo. Suas imagens são reconhecidas pelo intelecto do sujeito conhecedor e essas definições nada mais são do que representações intuitivas, onde o mundo visível é regido pelo princípio de razão.

A partir do momento em que o homem compreende que o mundo, assim como todas as coisas a sua volta, não pode ser conhecido nele mesmo, sua verdadeira essência, mas apenas aquilo que aparece para nosso entendimento e compreendido pelo princípio de razão, nasce nele o verdadeiro espírito filosófico, ao compreender que o mundo como representação só existe pelo entendimento e para o entendimento do sujeito conhecedor. Schopenhauer afirma que, quando Kant chegou à constatação de que somente o fenômeno é cognoscível pelo entendimento, enquanto buscava o conhecimento da coisa em si fora do sujeito e da sensibilidade, cometeu seu maior erro, ao não reconhecer que a existência e o conhecimento do mundo só podem ser concebidos levando em consideração o fenômeno, objeto que aparece para um sujeito e que este mundo objetivo só aparece mediante a existência desse sujeito de conhecimento que utiliza as formas puras de conhecimento, espaço, tempo e causalidade.

Aquele que tudo conhece, mas não é conhecido por ninguém, é o sujeito. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece de todo o objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito. Cada um encontra-se a si mesmo como esse sujeito, todavia, somente na medida em que conhece, não na medida em que é objeto do conhecimento.⁷

⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 3, § 1.

⁷ *Ibidem.* , p. 5, § 2.

O filósofo afirma que esta verdade não reconhecida pelo kantismo já havia sido reconhecida pela filosofia hindu ao afirmar que o mundo é como um Véu de Maya, um manto translúcido que não deixa transparecer a realidade por completo, mas apenas uma imagem encoberta desta, que esta imagem não deve ser negada, mas aceita e superada para o conhecimento da verdade. Schopenhauer foi um dos primeiros filósofos ocidentais a propor um correlativo com a filosofia oriental, em especial com a filosofia chinesa⁸ e indiana⁹, vendo a grandiosidade metafísica contida em sua doutrina e conceitos. A partir do hinduísmo ele compreendeu que Maya seria ilusão, imaginação. Considerando as *upanishads*¹⁰ no hinduísmo, o real é imutável e aquilo que está em constante mutação seria ilusão, uma imagem fantasiosa da realidade, assim como a teoriza Heráclito de acordo com Barboza.

A realidade é para ser vista pelo ângulo de Heráclito (século V a. C.), filósofo grego que dizia ser impossível entrarmos duas vezes num mesmo rio. O mundo nunca é o mesmo, toda vez que se considera; ele é incessante devir. O indivíduo pode muitas vezes ficar inseguro, incerto, porque não sabe se os fatos aos quais está acostumado guardarão a sua constância. E não guardarão, porque estão envoltos em um véu de Maya, enganoso da existência, isto é o princípio da razão.¹¹

Maya seria a natureza criadora do mundo e todos os seres estão enraizados em sua criação, mantendo-os presos a sua teia, mantendo-os em eterno devir; a teia ou o véu de Maya

⁸ Schopenhauer se utilizou da filosofia chinesa, sobretudo do *I-Ching- Livro das Mutações*, considerado uma das principais fontes da filosofia chinesa e que tem como tema central a mutação de todas as coisas em ciclos próprios no universo, ligando a terra ao céu e aos cinco elementos. O conceito de mudança e mutação advém do pulsar entre o *yang* (criativo, masculino) e o *yin* (receptivo, feminino), que numa constante transformação um no outro refazem o equilíbrio, tal como as relações em permanente fluxo do ser humano com a natureza.

⁹ Schopenhauer tem seus primeiros contatos com a cultura oriental ainda em sua juventude, a partir da moda oriental que se impregnou na Alemanha no século XIX. O primeiro fato a ser constatado é que o periódico *Asiatic Researches* era a principal fonte de Heeren em seus estudos, isso naturalmente direciona Schopenhauer a também acompanhá-los para que possa ter uma visão mais ampla do tema. Nas anotações, Schopenhauer nos fala dos livros sagrados dos hindus, os Vedas e da casta Brâmane, além de focar a Trimurti.

¹⁰ Os Upanishads derivam do mais antigo texto hindu, os Vedas, que formam a base de toda a filosofia do hinduísmo. Originalmente eram cerca de 200 textos, mas 12 são considerados os mais importantes. Por meio de diálogos entre mestre e discípulo, os Upanishads falam sobre a compreensão da alma humana (Atman) e o caminho para se atingir a realidade absoluta (Brahman).

¹¹ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna, 1997. p.37.

seria essa realidade ilusória na qual os seres estão prisioneiros. Partindo destas considerações é possível entender a influência desses escritos na construção do pensamento de Schopenhauer, a partir do momento em que ele considera o mundo como representação uma criação do sujeito, assim como o mundo seria criação de Maya. A representação seria como o Véu de Maya onde os indivíduos estão presos a essa realidade que é aparentemente real, mas é uma realidade turva, deixando transparecer apenas uma parte desta.

Da mesma forma, podemos perceber também a influência da filosofia platônica na elaboração da esfera sensível das coisas – como referência à representação. Platão acredita que o sensível seria a morada do falso conhecimento, ou da opinião, pois se fundamenta em aparências sendo incapaz de ver a essência. Logo, a opinião sobre a realidade não é um conhecimento sobre ela, pois quem a conhece, conhece como um todo, e não apenas uma parte dela, aquela que aparece.

Por conseguinte, dos que contemplam as muitas coisas belas - não vendo o belo em si nem sendo capazes de seguir a outro que para junto dele conduza - e [contemplam] todas as coisas justas – não vendo a justiça em si – e , desse modo, todas as coisas, dizemos que opinam sobre tudo e que desconhecem aquilo sobre o que opinam. ¹²

Desta forma, Platão afirma que cabe ao verdadeiro filósofo enquanto amante da sabedoria o conhecimento do todo, o conhecimento inteligível do real, e ao falso filósofo ou homem comum, o conhecimento de uma parte, a sensível, e com isso não produz conhecimento e sim uma opinião ou percepção de parte do real.

Schopenhauer fundamenta sua teoria filosófica a partir de concepção da divisão do mundo, como Vontade e Representação, onde a Vontade seria o substrato do mundo, a outra realidade de tudo, ou na linguagem platônica, seria o mundo essencial. Ele, assim como Platão, acreditava que a representação ou o mundo sensível nunca nos leva ao conhecimento total e verdadeiro e sim a parte dele. A representação seria assim o mundo visível como um “Véu de Maia”, um véu de ilusão sobre a realidade, assim como para Platão o mundo das sombras do interior da caverna seria apenas um simulacro da realidade.

¹² PLATÃO, *A República*. Col. “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1999. V.479d-480a

A partir das considerações acima é possível entender a fundamentação da teoria da representação de Schopenhauer como existente apenas em relação a outrem, não há representação fora do sujeito, logo não há mundo conhecido sem sujeito e que sem este também não há representação. Esta é uma verdade que não pode ser negada, pois negá-la é negar o mundo aparente e a existência de todas as coisas. Essa aparência como uma parte do mundo que é conhecida pode ser colocada na mesma classe do sonho que é formada pelo intelecto e tem como ponto de apoio a consciência do sujeito. Sua existência é condicionada a um ser que representa, ele tem a intuição desse mundo enquanto objeto cuja forma de aparecimento é espaço e tempo. Mesmo a sensação sendo causada por alguma coisa exterior ao sujeito, ela não necessariamente apresenta semelhança ao mundo exterior ao sujeito, ao mundo como Vontade, pois a sensação advém do sistema sensorial que é completamente subjetivo. Logo, no conhecimento o mundo permanece como mera representação, o mundo em que o sujeito é separado após a sua morte é apenas representativo. O mundo que existe é o aquele que podemos perceber e este enquanto matéria só tem existência pela percepção, depende da consciência do sujeito, é uma síntese entre o mundo exterior e a consciência daquele que percebe.

O mundo como representação, isto é, o mundo objetivo representado por um sujeito e conhecido pelo princípio da razão, pode ser dividido em dois polos: o sujeito que conhece e a matéria. Esses dois polos são incognoscíveis sozinhos considerando que o sujeito não está no tempo, pois este é a forma mais concreta e pertence apenas à representação; a matéria não é extensa sem um sujeito, não tendo forma, logo não é espacial. O intelecto é onde se forma o princípio da causalidade e sem esta não haveria conhecimento do mundo representativo, pois os sentidos nos fornecem apenas sensações. Assim, este intelecto que conhece e a matéria são análogos, um não existe sem o outro e os dois juntos formam a representação.

1.3 O outro lado do mundo: Vontade.

Se tratamos até aqui o mundo segundo o ponto de vista da filosofia de Schopenhauer como representação, é preciso também algumas observações sobre o outro lado do mundo, chamado por ele de Vontade. Correspondente à coisa em si kantiana, o mundo seria a Vontade enquanto seu substrato, enquanto aquilo que constitui todas as coisas, seres e corpos. A realidade, o em si do mundo também seria a Vontade, e só ela pode explicar o mundo, pois o mundo é constituído de pura Vontade.

No entanto, este outro lado do mundo, como Vontade, teria características que tornam a teoria schopenhaueriana própria. Nesta, toda vontade é querer e desejo, porém este querer, ao ser satisfeito, logo é substituído por outro e, assim, podemos entender que a vontade causa um sentimento de falta eterna que causa dor e sofrimento e do qual não podemos fugir ou nos libertar completamente, pois a Vontade é o que nos constitui. Ela, enquanto outro ponto de vista do mundo é irracional e não se fundamenta pelo princípio de razão, ela é totalmente sem fundamento, sem conhecimento e sem princípio ou causa, é um afirmar-se infinitamente. É possível entendê-la como algo irracional, pois apenas a classe das representações está submetida ao tempo, espaço e causalidade como princípio de razão e nunca à coisa em si, ela que se difere do objeto, é totalmente à parte das aparências. A Vontade é essencial no sentido que é o que constitui o mundo, e as diferentes formas em que podemos percebê-la são apenas seus diferentes graus de objetivação, onde ela se torna objeto concebível ao nosso entendimento, ou seja, ela se torna representação de diferentes formas e cada grau seria o modo em que ela se apresenta de forma mais límpida, mas a vontade por ser coisa em si é única e completa.

Assim como uma lanterna mágica mostra muitas e variadas imagens, porém aí se trata de uma única e mesma flama que confere visibilidade a elas, assim também em todas e diversas aparências que uma ao lado da outra preenchem o mundo ou se rechaçam como acontecimentos sucessivos, trata-se apenas de UMA VONTADE que aparece, tudo é sua visibilidade, objetividade, porém, ela mesma permanece imóvel em meio a essa mudança: só a vontade é a coisa em si: todo objeto, ao contrário, é aparência, fenômeno na língua de Kant ¹³

A Vontade nunca aparece para o conhecimento despido de todas as formas de representação, pois o conhecimento imediato que temos dela aparece a partir de sua objetivação. A objetivação da Vontade acontece em diversos graus que vão aumentando conforme mais clara é a manifestação desta, ou seja, quanto mais evidente a Vontade aparece para nosso entendimento, expressam melhor a Ideia do objeto observado. Nesse caso, a Ideia mencionada corresponde à Ideia platônica enquanto a coisa em si antes de ser conhecida pelo

¹³ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 178, § 28 .

princípio da razão como representação quando se torna objeto independente deste princípio se relacionando com as formas eternas ou modelos gerais onde, de acordo com Barboza:

Os diversos gatos da realidade só existem enquanto reflexo distorcido de uma ideia de gato inalterável, instituída pela Vontade num mundo imemorial. Todos os gatos do mundo não passam de uma pluralização de uma única e mesma ideia de gato. Os gatos podem até desaparecer da superfície da Terra, mas a sua ideia, eterna, não [...]. E assim por diante a humanidade mesma em sua globalidade, é uma ideia eterna, inalterável, embora os seus fenômenos, os muitos indivíduos, sejam passageiros.¹⁴

Schopenhauer acredita que as forças universais da natureza, como a gravidade, o magnetismo, entre outras, possuem o grau mais baixo de objetivação da Vontade. Estes graus de objetivação vão aumentando de acordo com a capacidade de individuação, ou seja, na medida em que o indivíduo expressa melhor a ideia. No reino vegetal, o grau de objetivação se eleva em relação ao reino inorgânico, pois é onde o vegetal mostra a Vontade como um inocente ímpeto cego na medida em que germina e cresce, procura a luz solar e faz a fotossíntese sem consciência nenhuma; uma planta não tem individualidade, ela apenas, no fato de existir, demonstra todas as características de sua espécie. No reino animal a Vontade pode ser mais bem compreendida pelos seus instintos que o levam a agir de acordo com a vontade de forma irracional, sem planejamento; os animais agem de forma puramente instintiva sem obedecer a uma razão qualquer, como o caso de uma lagarta que constrói e se envolve em um casulo sem a menor consciência do motivo pelo qual faz aquilo, apenas segue o interesse da vontade em forma instintiva para, no final, se tornar uma borboleta. A partir dos graus de objetivação podemos ver a discórdia essencial da Vontade consigo mesma, onde cada grau de objetivação da Vontade combate com outro pela matéria no espaço e tempo querendo manifestar a própria ideia. Conforme já caracterizou Schopenhauer ao afirmar que:

A vontade é o mais íntimo, o núcleo de cada particular, bem como do todo: aparece em cada força da natureza que faz efeito cegamente: também

¹⁴ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna, 1997. p.53.

aparece na ação ponderada do ser humano: se ambas diferem, isso concerne somente ao grau do aparecimento, não à essência do que aparece.¹⁵

Isso se mostra mais claro ou pode ser mais bem compreendido nos animais e sua predação, quando a vontade de viver pode ser vista de forma mais avassaladora, quando um animal se torna alimento para outro, onde a vontade de viver se efetiva com o fim de outra vida. A Vontade se mostra faminta em um movimento de caça, predação e aniquilação, mostrando-se de forma mais transparente nessa espécie, com cada animal podendo alcançar sua existência pela supressão da existência de outro.

Enquanto entendemos as diversas formas de manifestação da Vontade no mundo inorgânico, vegetal e animal, é no homem que podemos ver o mais alto grau de objetivação da Vontade, onde ela é objetivada de forma mais pura na mais perfeita das aparências, a mais nítida e iluminada pelo conhecimento. A ideia de ser humano contém todas as ideias existentes, passando pelo reino animal, vegetal e inorgânico, pois o homem está no topo da pirâmide, pois a Vontade que é o ser humano precisa absorver à vontade do reino animal que, por conseguinte, precisa do vegetal e, conseqüentemente, precisa do solo e dos elementos inorgânicos. Na espécie humana, além da Ideia de humanidade representada, cada ser humano é único e só ele é indivíduo que deve ser estudado e entendido isoladamente de acordo com sua individualidade, que também pode ser entendida como caráter. Só no homem a Vontade deve ser compreendida de forma a considerá-lo como indivíduo diverso devido à faculdade da razão e com ela o poder de dissimulação que não permite perceber a Vontade de forma tão transparente quanto em relação aos animais, pois enquanto os animais têm inconsciência ou têm a consciência pouco desenvolvida, os homens têm entendimento combinado com a razão.

Através do homem a Vontade se manifesta como medo, como coragem, esperança, alegria impelida de diversos e impulsivos atos e palavras que muitas vezes são seguidos de arrependimento quando se usa a razão. Desta forma, a Vontade é mais rápida e forte que o intelecto, e este tende a se tornar escravo dela. Ela é incansável, assim como nas crianças recém-nascidas que são puramente vontade, choram e gritam por necessidade de satisfazer o querer sem ao menos saber claramente o quê ou por que querem. Mais tarde, com o intelecto já desenvolvido, o interesse da Vontade é conhecido por ele, esse intelecto que age de acordo

¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 129, § 22.

com a necessidade da Vontade que, depois de atendida, espera para retornar sob diversas formas, prazer pela satisfação ou angústia pela constante insatisfação. Esse sentimento de prazer ou angústia, assim como a ação da própria Vontade, é concebido pela ação do corpo. Seja de forma fisiológica ou não, toda ação do corpo é a ação da Vontade tornada objeto.

Desta forma, o mundo em sua essência é pura Vontade, e esta, que é puro querer, está presente de forma objetivada na força gravitacional, magnetismo, crescimento das plantas, no instinto dos animais, como uma ação sem sentido, e no homem. Neste último, a Vontade se manifesta mais claramente. Através do seu corpo, o homem pode ter acesso às manifestações da Vontade, pelo seu desejo de viver, de preservação, o desejo de procriação e suas ambições. Por outro lado, o mundo também é mera representação para todo ser vivente, ou seja, o mundo, nesse lado, é mera aparência da Vontade. Nele o sujeito pode conhecer e ter seu mundo concebido de forma objetiva, e mesmo que este mundo representativo exista para ele de forma diversa da vontade enquanto coisa em si, o sujeito conhece a manifestação desse em si do mundo em que ele também está compreendido.

1.4 O conhecimento como suspensão da vontade.

Considerando que todo querer nasce de uma vontade, de uma carência e de um sofrimento, a satisfação desse querer põe fim a esse sofrimento. No entanto, para cada desejo satisfeito surgem mais dez não satisfeitos. Isso acontece porque a sensação de satisfação é breve, é momentânea e o desejo satisfeito logo dá lugar a outro insatisfeito. Essa suspensão momentânea da vontade é tratada na terceira parte de *O Mundo...*, como um alívio do sofrimento e uma fuga breve da vontade; isso acontece através do conhecimento puro, ou seja, um conhecimento da Ideia, livre do princípio de razão e de qualquer relação com a vontade, onde não existe mais querer, angústia ou sofrimento e também não há mais indivíduo com suas necessidades, em seu lugar há agora um espelho puro da Ideia.

Só podemos apreender as coisas como Ideia na medida em que não temos interesse nela, na medida em que não estão em relação com nossa vontade, pois esta é antagonista do nosso conhecimento e o intelecto é aquele que media os motivos. Ele só apreende das coisas aquilo que tem relação com sua vontade: primeiro, queremos, e só depois, talvez, possamos conhecer aquilo que queremos. Por exemplo, nos animais, aquilo que não tem relação com sua vontade não existe para eles. Então, veremos que no terceiro livro o intelecto já não está

mais em um estado de servidão para com a Vontade, mas está liberto dela, ao menos de forma momentânea.

Quanto mais nos esquecemos da vontade, mais belas as coisas aparecem para nós e, ao mesmo tempo em que todo o sofrimento provém da vontade, menos possibilidades de sofrimento nós temos, logo, um estado de plena felicidade é alcançado. Isso acontece através da contemplação do belo, onde todo o intelecto se encontra livre da relação com a vontade.

A apreensão das ideias na contemplação estética ocorre com uma mudança em nós, como um ato de abnegação, em que nela suprimimos nossa individualidade, ignorando nossa vontade. A contemplação do objeto seria como uma imersão na intuição pura onde a consciência é totalmente preenchida pela calma da contemplação, e nos perdemos no objeto nos esquecendo de nós como um indivíduo, esquecendo também da própria vontade, tornando-nos apenas um espelho do objeto observado, como se ali existisse apenas o objeto contemplado e sendo impossível separar aquele que intui daquilo que é intuído. O que é intuído ali é a Ideia como forma eterna, como objetividade imediata da Vontade, e aquele que intui não é mais indivíduo, ele se tornou um sujeito puro que conhece livre da vontade, do sofrimento e da angústia que caracteriza o mundo como Vontade na metafísica de Schopenhauer. Enquanto o indivíduo conhece apenas coisas isoladas, o sujeito puro do conhecer conhece as ideias gerais, ele está livre do princípio de conhecimento e está em um estado de pura objetividade, quando não se conhece mais a coisa isolada, mas sim a Ideia de sua espécie. Isso acontece quando o contemplador não está mais consciente de si, mas apenas da coisa conhecida. Deste modo, o conhecimento se torna espelho límpido da essência objetiva das coisas.

Podemos observar que para Schopenhauer a consciência possui dois lados: a consciência de si (como Vontade) e a consciência de outras coisas (apreensão de coisas exteriores a nós – como representação). E quanto mais temos consciência das coisas exteriores a nós, menos temos consciência de nós enquanto Vontade. O mesmo acontece se invertermos esta afirmação, pois quanto mais consciência de nós mesmos, menos consciência temos das coisas exteriores. Só somos capazes de apreender o mundo de maneira puramente objetiva quando não mais nos vemos como indivíduo que pertence a este mundo.

Enquanto a Vontade se afirma por manifestações fenomênicas e ilusórias, na contemplação das Ideias as aparências deixam de enganar e de provocar desejos e, conseqüentemente, sofrimento; nela vemos a verdade, a realidade das coisas. Diante da contemplação estética não mais pensamos na utilidade do contemplado, mas apenas na observação desinteressada. Nela, a Ideia preenche a consciência do contemplador fazendo-o esquecer-se de sua individualidade e de sua vontade, tornando-o contemplador das Ideias eternas, pois quem intui se confunde com a própria intuição se tornando uma só coisa. Somente quando o indivíduo se eleva para o puro sujeito de conhecer e o objeto conhecido se eleva à Ideia, ocorre à objetivação perfeita da Vontade; a consciência é apenas o *médium* desse conhecimento, onde sujeito e objeto se tornam uma única coisa, já que o subjetivo foi suprimido e não há mais princípio da razão, não existe mais espaço, tempo ou sujeito, apenas uma consciência que se torna espelho para a Ideia geral do objeto intuído no mundo da representação: é o conhecimento da vontade universal.

Considerando que a objetividade da Vontade é onde a Vontade se torna representação, ou objeto para o conhecimento, Schopenhauer defende que:

Em conformidade com esse conhecimento, nomeamos o mundo visto como representação, tanto em seu todo quanto em suas partes, OBJETIDADE DA VONTADE, ou seja, vontade que se tornou objeto, isto é, que se tornou representação.¹⁶

Essa objetividade pode ser compreendida em graus, onde a essência da Vontade aparece como representação conforme a perfeição e nitidez que ela se expõe como objeto, como formas originárias e imutáveis, assim como são as Ideias platônicas compreendidas da teoria schopenhaueriana. A objetivação perfeita da Vontade seria onde a Ideia é a sua objetividade adequada, que nela aparece pura e inteiramente o mundo como representação. Na Ideia é compreendido, de uma só vez, sujeito e objeto, ela é compreendida e melhor apreendida por nós através da contemplação estética. Schopenhauer acredita que, ao contemplar a beleza na natureza ou na arte, o homem se torna um sujeito puro de conhecimento e o mundo se revela transparente para ele, separado da Vontade, isento dela. Para ele, a contemplação da beleza se dá de forma desinteressada, pura, sem conhecimento da Vontade, seja na esfera natural ou

¹⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 195, § 30.

artística. Através da contemplação estética, é possível ter acesso direto às Ideias, as quais nos distraem daquilo que é desejo, porque durante a contemplação o homem é capaz de saborear um momento tranquilo da vida, ele se torna um espelho das Ideias, seu mundo é contemplado sem interesse e ele se encontra livre da pressão da Vontade.

O modo de conhecimento estético pode ser dividido em conhecimento do objeto como coisa isolada - como Ideia - e como consciência de si daquele que conhece - do puro sujeito de conhecimento. É através da contemplação do belo que negamos o querer, ela é a forma privilegiada de conhecer as Ideias, neutralizando a vontade e o sofrimento causado por ela. Quando apreendemos as coisas não mais em sua utilidade ou em sua relação com a nossa vontade, mas nelas mesmas pelo que são, temos a ideia das coisas em uma sabedoria superior àquela que só conhece pelas relações, compreendemos as ideias de forma intuitiva. É impossível ter o conhecimento das Ideias por conceitos ou doutrinas, mas apenas pela arte, que só pode ser conhecida intuitivamente e nunca de forma abstrata.

1.5 O conhecimento das Ideias pela contemplação da arte.

Schopenhauer é um defensor da arte, para ele, a arte tem como finalidade revelar aos homens aquilo que lhes foge à percepção. Ela retrata a Ideia, a perfeição, e expressa o universal e nunca o particular, mostra aquilo que serve de molde ao observador. Para ele, a arte é o modo de consideração das coisas independente do princípio de razão, pois se todo o mundo como representação é visibilidade turva da Vontade, a arte é o clareamento da visibilidade que mostra tudo puramente em sua essência, ela é um consolo ocasional em meio à angústia da existência. Assim, o conhecimento estético seria o conhecimento da Ideia como objeto, conhecida pelo sujeito puro de conhecimento. E a arte seria a forma de considerar as coisas independentes do princípio de razão, pois, através dela, o artista mostra a realidade para nós destacada de toda contingência perturbadora, nos emprestando seu olhar para vermos o mundo livre da individuação, do princípio racional, do querer e da utilidade.

O filósofo defende que a arte tem a finalidade de nos mostrar a realidade das coisas, daquelas que não podem ser compreendidas por nós devido à “névoa” das contingências objetivas e subjetivas, devido ao “Véu de Maya”, que cobre a realidade nos mostrando apenas uma imagem turva dela. Cabe à arte dissipar esse véu, essa névoa e nos levar a uma satisfação, mesmo que provisória, nos privando por instantes do sofrimento da existência que

é vontade, nos facilitando o conhecimento das Ideias. Logo, para o Filósofo de Danzig, a finalidade de toda a arte seria a comunicação de toda Ideia apreendida por intermédio do espírito do artista e concebível por quem conhece pelos olhos e espírito deste, conforme podemos ver em suas palavras.

A arte repete as Ideias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente de todas as aparências do mundo; de acordo com o estofo que ela o repete, tem-se arte plástica. Poesia ou música. Sua única origem é o conhecimento das Ideias; seu único fim, a comunicação desse conhecimento.¹⁷

Em *O Mundo...*, Schopenhauer hierarquiza as artes de acordo com o grau de manifestação da Ideia que elas são capazes de mostrar, começando pela arquitetura, que ele considera a expressão do mais baixo grau da Ideia e terminando na poesia trágica, considerada a arte que manifesta a ação da Vontade no seu mais alto grau.

De acordo com seu sistema filosófico, a arquitetura se encontra no nível mais baixo na hierarquia das obras de arte porque ela não é como as outras obras, ela não tem seu fim puramente estético, e o mérito do artista é justamente encontrar este fim. É possível obtermos uma contemplação estética da arquitetura observando o conflito existente em sua obra, que se dá entre a gravidade – aqui entendida como a vontade - que se manifesta contra a resistência da obra arquitetônica – aqui a resistência é entendida como a objetividade da Vontade. Por isso, a beleza de um edifício consiste na conformidade entre cada parte, alegrando os olhos do espectador. A obra arquitetônica não expressa a Vontade de forma tão clara, ele não representa as ações humanas, mas apenas a matéria.

Quanto à poesia, na estética de Schopenhauer, ela é considerada uma das mais completas das obras de arte, pois, para ele, o poeta tem a função de representar a humanidade, um resumo do homem em geral e, de acordo com isso, a poesia representa a Ideia em seu mais alto grau. Entretanto, existe um gênero poético ainda mais elevado, que é a poesia trágica. A tragédia tem por objetivo mostrar o lado mais terrível da vida, as angústias da humanidade de um modo que suscite a beleza. O filósofo em questão, diz em *O Mundo...*, que

¹⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 2013, § 36.

o que podemos ver na tragédia é a Vontade lutar consigo mesma, ela mostra o homem como um ser excepcional, onde o conhecimento purificado pelo sofrimento o faz abdicar da vontade de viver. Através da contemplação da tragédia, é possível obter a suspensão da vontade, pois o mundo que antes era vivido de forma angustiante, agora é contemplado com um distanciamento deste mundo como Vontade. Assim, a tragédia retrata o sofrimento e seu fim é purificar o espectador através deste.

Entretanto, ele nos fala ainda de outra manifestação artística que está acima de todas as outras: a música. Enquanto as outras artes mostram e comunicam as Ideias como objetivação imediata da Vontade, a música é como a Ideia, ela é a objetividade da Vontade sem o intermédio da imagem. As outras artes objetivam a Vontade mediadamente através da exposição de coisas isoladas, a música não precisa da aparência, ela é a cópia da Vontade nela mesma, sendo a mais poderosa de todas as artes; ela é autônoma, por seus próprios meios expressa cada movimento da Vontade. Por isso, a música está fora do contexto das outras artes, pois ela não é a representação das Ideias, ela é a expressão da própria Vontade.

Após o acima exposto, podemos entender por que a contemplação estética tem um papel importante nesta obra filosófica, além dela nos mostrar que é algo imprescindível para uma vida distanciada dos efeitos nocivos da vontade. Ela é, pois, um alento para esta filosofia considerada por muitos dos seus leitores como pessimista.

1.6 O gênio como mediador do conhecimento das ideias.

O artista é chamado por Schopenhauer de gênio. Para ele, a genialidade é uma condição de imersão na essência, é a capacidade de apreender as Ideias em uma contemplação puramente objetiva, ou em uma objetividade mais perfeita do espírito. O gênio seria aquele que tem a capacidade de conhecer a Vontade sem estar a serviço dela, pode até ser considerado um intelecto *anormal*, diferente da maioria dos seres. Quanto ao homem de gênio, graças à sua imaginação, ele pode realizar em sua obra de arte aquilo que a natureza se esforçou e não conseguiu fazer. Ele tem a capacidade de se desvincular da Vontade e se perder na pura contemplação da Ideia. Esta mesma disposição é o que permite a criação de obras de arte fabulosas que resistem ao tempo, revelando a essência do mundo através desta obra. O gênio também é descrito por Schopenhauer na obra *A metafísica do Belo* da seguinte forma:

[...] O gênio também pode ser definido como a *objetividade* mais perfeita do espírito, isto é, a capacidade de proceder intuindo puramente, perder-se na intuição, de abandonar o conhecimento a serviço da vontade, isto é, de perder de vista seu interesse, seu querer, seus fins, de desfazer-se de sua personalidade e permanecer como puro sujeito que conhece, claro olho cósmico.¹⁸

Essa faculdade de intuir as Ideias, todos possuem em maior ou menor grau, sendo o artista aquele que possui a disposição do gênio em maior grau, aquele que contempla um outro mundo, concebe-o de uma forma totalmente diferente de outros indivíduos, tem a capacidade de conhecer independente do princípio de razão, em ser um correlato da Ideia. O artista seria aquele que pela obra de arte comunica a outras pessoas a ideia apreendida. No homem comum, para ocupar a vontade, é preciso apenas o conhecimento das relações com ela, mas embora ele e o gênio tenham a capacidade de ver os mesmos objetos, os dois os intuem de forma completamente diversa. Enquanto o homem comum vê o objeto apenas como uma representação de uma Vontade, e enxergando de uma forma mais dependente da relação com seu querer, o gênio tem uma intuição mais purificada da vontade, ela a vê sem a intervenção do véu de ilusão das representações e consegue enxergá-la de forma mais separada da relação com sua vontade. Ele se desprende de sua individualidade se fundindo com a realidade observada, não sabendo mais onde começa o sujeito e onde termina o objeto, tornando-se apenas um para seu conhecimento e transmitindo esse conhecimento mais puro através de sua arte, que será observada por outros que tenham a capacidade do gênio, mas podendo ser em um grau menor. Trata-se daqueles que precisam da tradução do artista acerca dessa realidade mais clara para, então, poder entrar no estágio estético de contemplação pura, esquecendo-se de si como indivíduo que tem desejos, elevando-se ao grau do gênio de espelho da Ideia observada.

O gênio, em *O mundo...*, tem esse conhecimento da essência objetiva das coisas de forma mais duradoura, pois ele tem a capacidade de estar por mais tempo em estado de abnegação de si e de sua vontade. O mesmo acontece, mas de forma mais breve, no contemplador da arte, que tem o grau mais baixo de gênio manifestado em si, onde ele se

¹⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *A metafísica do belo*; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2003.p. 66, § 6.

esquece de si e tem seu intelecto tomado pela Ideia transmitida pela obra do artista. Este contemplador da arte tem uma apreensão desinteressada e puramente objetiva da obra de arte, deixando sua vontade em total silêncio se tornando apenas um sujeito puro que conhece, livre da angústia da existência, de sua essência que é a vontade irracional e voraz. A predominância nesse estado é o gênio que se manifesta em seu espírito, na medida em que intui as coisas e também se torna todas essas intuições. Neste estado de genialidade, o indivíduo se esquece de seu lado subjetivo, se esquece de ver as coisas pela utilidade e relação com sua vontade e passa a ver tudo pelo lado do objeto; esta é a objetividade perfeita da vontade.

Embora o gênio possa parecer uma salvação para a angústia e sofrimento da existência que é Vontade, Schopenhauer não o considera desta forma, pois este estado de elevação a puro sujeito que contempla a Vontade de forma purificada de seus efeitos negativos é um estado temporário, logo a consciência de si enquanto subjetividade retorna, retornando também o mal estar e a inquietude característica da Vontade que acontece na medida em que a ela preenche novamente a consciência com desejos insatisfeitos e afetos.

1.7 A ética da vontade.

Ao iniciar a chamada ética da Vontade na quarta parte de *O mundo...*, Schopenhauer afirma considerar a parte mais séria da Filosofia, pois abrange as ações humanas, o que afetam a todas as pessoas. No entanto, em sua ética ele não faz prescrições morais ou pretende criar uma doutrina do dever, já que acredita que isso seria uma contradição, considerar a Vontade enquanto em si livre e ao mesmo tempo lhe impor deveres. A Vontade é onipotente, ela aparece na ação e no mundo de quem a pratica, a Vontade e a liberdade são a mesma coisa. O filósofo também acredita que não seria correto chamar esta parte de sua teoria de Filosofia prática, porque toda filosofia é teórica e tentar torná-la prática seria apenas uma pretensão, pois a virtude, assim como o gênio, não pode ser ensinada. Ambas são disposições naturais, sendo um tanto ingênuo achar que conceitos e teorias possam criar ou moldar o caráter de alguém. Logo, a tarefa da filosofia seria explicar e interpretar aquilo que já existe e não tentar moldar ações do futuro. Schopenhauer defende que a filosofia deve investigar o presente, já que esse é a única forma em que a vontade aparece, sua objetivação tem como forma o presente e nada mais.

Como já foi dito no parágrafo anterior, a Vontade enquanto coisa em si é livre, mas o fenômeno, ou a liberdade enquanto representação não é, pois esta é fixa e depende da cadeia de causas e efeitos, logo, dependente do princípio de razão. Portanto, Schopenhauer nega a liberdade das ações humanas, pois todas elas são condicionadas pela Vontade.

Eu, contrariamente, digo que o ser humano é sua própria obra antes de todo conhecimento, e este é meramente adicionado para iluminá-la. Daí não poder decidir ser isto ou aquilo, nem tornar-se outrem, mas É de uma vez por todas, e sucessivamente conhece o que é [...] ele quer o que conhece: em mim ele conhece o que quer.¹⁹

Uma pessoa não é livre, pois a liberdade pertence unicamente à Vontade, apartada do princípio de razão e do conhecimento, logo as ações de um indivíduo não são suas ações livres, guiadas pelo seu conhecimento, mas é sim uma ação da vontade. O indivíduo só conhece aquilo que a Vontade quer e quanto mais consciência e conhecimento, mais sofrendores somos, pois conhecemos cada vez mais a onipotência da Vontade e conseqüentemente nossa impotência diante dela; quanto mais conhecimento tem o indivíduo, mais a Vontade aparece como objetividade através dos atos do sujeito.

Assim, os esforços para acabar com o sofrimento só nos levam a mais sofrimento, mas este aparece com outras aparências e outros nomes: carência, preocupação, necessidade de conservar a vida, entre outros. Quando a dor consegue ser reprimida, ela ressurgiu de outras formas, como impulso sexual, amor apaixonado, ciúmes, inveja, doença, ambição, etc.

De acordo com Schopenhauer, a satisfação e a felicidade são negativas, na medida em que elas são originadas de um prazer que só é alcançado mediante a satisfação de um desejo; elas só são conhecidas de forma indireta, quando nossa satisfação vem à tona.

Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama de felicidade, é própria e essencialmente falando apenas NEGATIVA, jamais positiva. Não se trata de um contentamento que chega a nós originariamente, por si mesmo, mas sempre tem de ser a satisfação de um desejo. Pois um desejo, isto é, a

¹⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 339, § 55.

carência, é a condição prévia de todo prazer. Com satisfação, entretanto, finda o desejo, por consequência o prazer.²⁰

O filósofo de Danzig nos mostra que a Vontade se torna visível nos motivos, e estes se colocam diante dela como algo que lhe promete satisfação plena. Quando essa satisfação é alcançada, se mostra como incompleta, movimentando a Vontade para outros motivos, fazendo-a aparecer de outras maneiras. Em *O Mundo...*, o ser humano se apresenta sempre como um ser que quer e seu conhecimento permanece em relação com a vontade, ele busca conhecer objetos do querer e depois os meios para chegar até ele. Logo, o conhecimento e a consciência do indivíduo sempre trabalham em relação à Vontade, direcionada para o alvo do querer. A autoconservação é o primeiro esforço que logo que alcançado é levado a outro esforço, à propagação da espécie. O impulso sexual é a mais clara afirmação da Vontade enquanto afirmação da vida, onde, pelo ato da procriação, se origina uma nova vida, ou seja, uma nova fonte de Vontade, o que seria então o fim supremo dela. O impulso sexual, orientado para outro, nada mais é senão a vontade de vida em si como um indivíduo, iludindo a consciência de que este impulso é subjetivo, pois a natureza precisa desses artifícios para seu fim, que é a procriação da espécie.

A doutrina schopenhaueriana afirma que a Vontade nunca cessa, não existe um fim desta ou uma Vontade que se acalme de forma definitiva, mesmo em caso de morte do indivíduo. Morte e vida fazem parte da Vontade, logo não existe sentido em temer a morte e menos ainda em desejá-la com a intenção de, com isso, fugir da dor e do sofrimento da vida. Ao buscar a morte e cometer suicídio, livra-se da vida como um artifício para fugir do sofrimento dela e comete-se o maior dos erros, pois ainda assim não põe fim à Vontade, ela continuará a existir. O que deixa de existir é a aparência da Vontade e não a vontade em si; com a morte há o desaparecimento do indivíduo e não da espécie.

É preciso que nos lembremos de que Schopenhauer não pretende, em sua ética, dar prescrições morais, mas pretende apenas analisar as ações que são espelhos da Vontade de forma teórica e não prática, pois não há como impor regras à Vontade livre e irracional. Entretanto, ao analisar a virtude, ele a concebe como a relação do indivíduo com sua vontade, no sentido de negá-la ou afirmá-la. O virtuoso é aquele que tem conhecimento do fundamento

²⁰ Ibidem. 370, § 58.

da essência de suas ações e não o conhecimento abstrato. Por isso, não é possível ensinar a virtude por teorias e discursos, pois os conceitos abstratos oferecem apenas motivos que podem até modificar a direção da vontade, mas nunca ela mesma, pois esta é livre de qualquer fundamento ou regra. Para ele, a autêntica bondade e virtude desinteressada não tem origem em conceitos, mas em conhecimentos imediatos, intuídos, que nascem dentro de cada pessoa, isto é, encontram-se em atos e nunca em palavras ou sermões de teorias.

1.8 O bom e o mau.

Seguindo a doutrina schopenhaueriana da Vontade, podemos analisar seu entendimento sobre bom e mau. O conceito de bom corresponde a tudo aquilo que é favorável à Vontade e satisfaz seus fins, como boa comida, bom caminho, ou seja, tudo que é como queremos. O entendimento de Schopenhauer de bom pode ser dividido em duas categorias: a primeira seria a de satisfação imediata e momentânea; a segunda seria a satisfação mediata para o futuro, como algo agradável e útil. Sendo assim, podemos entender que o mau e o ruim seriam aquilo que não satisfaz a vontade, que não satisfaz o querer.

Os indivíduos chamados de bons são aqueles que atendem às expectativas da vontade de outros. Então, logo entendemos o “Bom” como sendo ativo, aquele em quem, diferente do aspecto passivo, é possível investigar a conduta do indivíduo não mais em relação a outros, mas em relação a si mesmo, o que é chamado aqui de virtude. Aquele que é virtuoso é justo, ele reconhece sua vontade de vida como coisa em si na representação de outros, colocando-se no lugar do outro. Logo, justiça seria a simples negação do mau. Bom é aquele que na afirmação da própria vontade jamais age em negação da vontade de outro indivíduo, que é justo e não infringe o sofrimento a outro para aumentar o bem-estar próprio, enquanto o mau indivíduo afirma a aparência da própria vontade, negando todas as demais, vendo-as através do Véu de Maya, como simples aparências diferentes das suas, quando, na verdade, trata-se da mesma vontade. Ele é egoísta e afirma a sua vontade contra outros, enxergando o outro como mera representação que pode ser suprimida para que sua vontade prevaleça.

1.9 A negação da vontade.

Ao avaliar a virtude, a justiça, a liberdade e sua relação com a Vontade, à última parte de *O mundo...*, chega a seu ponto considerado principal por muitos leitores, a negação total da Vontade, que é descrita pelo autor como o grau supremo da justiça em forma de ascetismo.

Ele leva a pessoa a questionar o próprio direito, e a aceitar a pobreza voluntária, vivendo daquilo que é necessário à subsistência de seu corpo. Como os hindus, que nada comem além daquilo que foi semeado e colhido com as próprias mãos, nega-se o querer, admitindo apenas aquilo que seja necessário a sua subsistência, podendo até chegar a negação de sua vontade de vida. É possível entender essa negação pelas palavras de Schopenhauer quando ele afirma que:

Por outros termos, não mais adianta amar os outros como a si mesmo, por eles fazer tanto como se fosse por si, mas nasce uma repulsa pela essência da qual sua aparência é a expressão, vale dizer, uma repulsa pela Vontade de vida, núcleo da essência de um mundo reconhecido como povoado de penúrias. Renega, por conseguinte, precisamente essa essência que nele aparece expressa já em seu corpo, e seus atos desmentem agora a aparência dessa essência e entram em contradição flagrante com ela.²¹

A negação da vontade de vida acontece quando um indivíduo não enxerga apenas sua vontade, mas vê a vontade de outros indivíduos como sendo sua também; ele enxerga e sente a dor e o sofrimento do outro como se fossem seus, ou seja, há uma virada da vontade não mais onde o indivíduo a afirma como essência, mas ele a nega, rumo a uma ascese. A aparência da Vontade cessa de querer, há uma empatia por todo ser vivo, a vontade de todos também é a sua, logo, o sofrimento de todos também é seu. Então a castidade surge ao negar o impulso sexual, negar a vontade de si; também podemos ver essa negação na pobreza voluntária e intencional como um fim em si mesma. E se, com isso, se chegar à morte, esta será bem vinda, será a negação e supressão da vontade e também o desaparecimento do mundo que é sua representação, seu espelho.

Essa negação da vontade de vida que fundamenta sua ética, esse altruísmo filosófico é entendido por Jair Barboza como um amor por compaixão, um amor ao próximo sem desejar algo em troca. Diferente do amor erótico de Eros, esse seria aquele chamado por Barbosa de Agapé²², isto é, seria uma forma de amor onde não se afirma a vontade, mas a nega, praticado

²¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 441, § 68.

²² No dicionário a palavra *Ágape* tem entre os seus significados: 1.Designação comum para se referir ao amor de Deus; amor divino; amor incondicional; 2.Festividade ocorrida entre os cristãos, caracterizada pela refeição que era compartilhada com os demais, sendo também celebrado o rito eucarístico. No entanto, a palavra de Origem

pelos santos e pessoas de caráter elevado; não é um amor voltado para si ou para a reprodução, é um amor pela humanidade.

Agapé nunca procura um gozo pessoal. Ao identificar as possibilidades, almeja diminuir os sofrimentos do mundo. A existência do outro se torna a minha existência; não o considero mais uma aparência, um ser qualquer; não sou mais indiferente ao seu estado, mas, comungando-o, olho-o como se ele fosse carne da minha carne, sangue do meu sangue.²³

O amor por compaixão é superior metafisicamente ao amor por Eros, pois o primeiro penetra profundamente na Vontade, na essência do mundo, procura evitar o sofrimento, neutralizando a dor e o sofrimento da existência. O amante por compaixão se coloca no lugar do outro, se compadece da dor do próximo se esquecendo da própria personalidade, suprimindo a si enquanto indivíduo. Ele não enxerga a Vontade do outro como algo diferente dele, ele entende a Vontade do outro em sua universalidade. Acessando a Vontade como um todo, ele age para ajudar o outro, às vezes indo a seu próprio sacrifício. Barboza entende que esse amor por compaixão teorizado por Schopenhauer como uma negação do egoísmo, que está em nossa essência, é tão difícil quanto admirável se pensarmos o quanto é penoso o indivíduo se desprender daquilo que é de sua natureza.

Agapé, para Schopenhauer, é tanto mais admirável se tivermos em mente como é espantoso alguém renunciar ao próprio eu. Todos somos egoístas (os animais inclusive) ou cruéis, e de fato é bastante elogiável quando alguém abandona essa perspectiva em favor de um eu carente, o qual pode até matar a pessoa caridosa após esta tê-lo ajudado.²⁴

grega Ágape pode ser o amor incondicional, o amor que se entrega. A expressão Ágape foi usada pelos gregos de diferentes maneiras; em passagens da Bíblia, em cartas, em correspondências entre amigos, era usado, da mesma forma que nos dias de hoje se usa no início de um texto a palavra "prezado". O termo Ágape também foi muito utilizado na Grécia antiga pelos filósofos, como Platão, significando, entre outras coisas, o amor a uma esposa, ou esposo ou amor às crianças, aos filhos, a sua família e ao trabalho. Este foi um termo muito utilizado pelos escritores cristãos, e aparece bastante nos textos do Novo Testamento, onde há muitas definições e exemplos de Ágape, o amor pelos filhos, o amor entre os cônjuges, e o amor de Deus para com todos os seres. Na presente dissertação usamos o termo Ágape escrito como *Agapé* de acordo com o entendimento de Jair Barbosa sobre o amor por compaixão dos escritos de Schopenhauer.

²³ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. – São Paulo: Editora Moderna, 1997. p.86.

²⁴ *Ibidem*. p.87.

Então, segundo Schopenhauer, a compaixão é o único fundamento da ética, ela é a única fonte de valor moral, sem qualquer vestígio de um motivo egoísta, onde vemos a vontade alheia como sendo também nossa vontade, e não impomos nosso querer sobre o querer de outro indivíduo. Nesse caso, podemos entender a Vontade do outro como uma extensão da nossa, a existência do outro se torna a minha existência, não existindo mais vontade individual e sim a vontade essencial. Neste sentido, há uma negação e supressão total da Vontade de si, não há mais sujeito, não existe mais o particular, mas apenas o geral.

CAPÍTULO II

O CORPO COMO REPRESENTAÇÃO

2.1 A representação relacionada ao sujeito-objeto.

Ao iniciar a primeira das quatro partes de *O mundo...*, afirmando que o mundo é minha representação, isto é, a realidade do mundo tornada objeto que pode ser perceptível aos nossos sentidos e concebíveis à nossa razão, Schopenhauer nos leva a entender que essa visão do mundo como representação pode ser compreendida como uma reformulação da teoria kantiana que entende a realidade de tudo como sendo coisa em si e aquilo que aparece como fenômeno. Sendo assim, nessa retomada do kantismo por Schopenhauer como inspiração para sua filosofia, entendemos a Representação de Schopenhauer como correspondente ao fenômeno de Kant. No entanto, o filósofo nos leva a um entendimento um pouco diverso daquele dado por Kant: ele nos leva a entender que a existência desse mundo como o percebemos só é possível graças a este sujeito que a percebe, ou seja, esse mundo como representação só existe para um sujeito que, através de seu conhecimento, utilizando o princípio de razão, entendido como espaço, tempo e causalidade, tem acesso a essa aparência da Vontade.

Procurando deixar claro que do mundo não conhecemos nada em sua essência, mas apenas meras representações deste, Schopenhauer argumenta que este mundo representativo existe apenas em função de um sujeito que conhece, ou seja, o mundo como representação nada mais é do que imagens objetivas concebidas por um indivíduo para o qual e pelo qual elas aparecem. Logo, o mundo, o Sol, as estrelas, entre outros objetos, existem apenas por e para um sujeito que possa conhecê-los. Se retirarmos o sujeito do mundo, retiramos também o mundo fenomênico, pois um está ligado a outro em um processo de coexistência; só há a possibilidade de um objeto conhecido para um sujeito conhecedor. Sendo assim, o mundo como representação pode ser compreendido como a parte fenomênica do mundo projetado pelo conhecimento e para o conhecimento de um sujeito. Logo, só há representação para um ser para quem possa ser representado, estando sujeito e objeto ligados em uma relação de interdependência.

É possível observar que em todas as considerações feitas no livro I de *O mundo...*, a obra capital de Schopenhauer, ele parte sempre da representação e nunca do sujeito ou do

objeto, pois ao se referir à representação, os conceitos de sujeito e objeto já se encontram inseridos nela, a dualidade sujeito-objeto já está pressuposta ao se pensar em representação.

Compreendemos, então, que o filósofo demonstra que a existência de um mundo inteiro depende de um primeiro olho que se abriu como uma espécie de intermediador necessário do conhecimento e que, sem este conhecimento, o mundo não poderia ser concebido e não existiria. A partir do momento em que consideramos o mundo apenas como representação, é preciso um sujeito que o represente. O mundo aparente na teoria do conhecimento de Schopenhauer é formado pelo intelecto de um sujeito, pela sua função cerebral. Assim como o sonho, o mundo aparente é formado pela mesma base material, que é extenso no espaço e tem como base o mundo como representação. Logo, a afirmação de que existe um mundo objetivo sem que exista um sujeito conhecedor pode até parecer correta, até que seja feita uma reflexão mais profunda sobre sua realização e percebermos que o mundo como representação se dá de forma relativa, isto é, é sempre considerado em relação a um sujeito que o conhece, e esta relação é um fato primário da consciência. Se, diferenciando do dogmatismo, o filósofo de Danzig não parte do sujeito ou do objeto como causa um do outro, para ele, sujeito e objeto estão em uma posição relativa e não de causalidade, a representação não é uma causa do sujeito, mas existe em relação com ele, um é correlato ao outro.

Então, o sujeito é aquele para quem o mundo como representação aparece e por quem aparece; o sujeito é a condição necessária para a existência desse mundo tornado objeto. É importante entender que Schopenhauer não coloca sujeito e objeto como causa um do outro, mas os coloca como correlatos, onde um é inseparável do outro; ao se pensar o sujeito, automaticamente pensa-se o objeto e vice-versa. A existência objetiva, ou seja, representativa, é sempre relacionada a um ser que representa a existência de tal objeto em um espaço determinado em que é conhecido, uma existência que faz efeito e é extensa. Schopenhauer entende isso como sendo a verdade mais certa. Embora simples de ser entendida, muitos não dão credibilidade o suficiente para esta verdade.

Que a EXISTÊNCIA OBJETIVA das coisas é condicionada por um ser que representa e, conseqüentemente, o mundo objetivo existe só COMO REPRESENTAÇÃO, não é uma hipótese, muito menos uma sentença apelável, ou uma disputa em torno de um paradoxo, mas sim a verdade mais certa e simples, cujo conhecimento só é dificultado pelo fato de ser

demasiado simples e nem todos possuem a clarividência suficiente para remontar aos primeiros elementos de sua consciência das coisas.²⁵

Jair Barboza já comentou isso ao entender que essa noção de sujeito- objeto é um dos pontos principais para a teoria do mundo como representação, mostrando que Schopenhauer segue um caminho diferente do Idealismo – é onde o sujeito determina o conhecimento – e do Realismo – onde o objeto determina o conhecimento –, com uma posição contrária às anteriores. Ele afirma que sujeito e objeto devem ser entendidos como correlatos, um não pode ser pensado ou entendido sem o outro, de maneira que, se retirarmos o sujeito também retiramos o objeto, ou seja, não haveria representação, não existiria um mundo cognoscível e perceptível, pois não haveria quem o conhecesse e o percebesse. O mesmo problema aconteceria se retirássemos o objeto, o sujeito deixaria de existir, pois o sujeito é aquele que objetiva a Vontade; sem este agente objetivador, não há Vontade objetivada, logo não haveria representação.

Estamos diante de um amálgama teórico que nenhum corte, nenhum raciocínio lógico consegue separar. Onde começa o sujeito termina o objeto: e onde começa o objeto termina o sujeito. Ser-objeto significa ser conhecido por um sujeito. Ser-sujeito significa ter um objeto.²⁶

Segundo o autor de *O mundo...*, essa é uma verdade e a mais universal que todas as outras verdades, a de que o mundo inteiro e todos os objetos dele são apenas objeto para um sujeito e todo este mundo está condicionado ao sujeito conhecedor, ele é o sustentáculo do mundo como representação.

[...], portanto, o mundo inteiro é// apenas objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação. Naturalmente isso vale tanto para o presente quanto para o passado e o futuro, tanto para o próximo, quanto para o distante, pois é aplicável até mesmo ao tempo, bem como ao espaço, unicamente nos quais tudo se diferencia. Tudo o que pertence e pode

²⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 7, § 1.

²⁶ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna 1997. p.29.

pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este. O mundo é representação.²⁷

O sujeito é aquele que tudo conhece do mundo como representação, mas não é conhecido por ninguém, pois o mesmo não faz parte da classe das representações, embora ele as determine. Tudo que aparece é conhecido e determinado pelo sujeito, entretanto, ele não é objeto a ser conhecido e sim aquilo que sustenta o conhecimento dos demais objetos, ou seja, sem o sujeito o objeto representativo não existiria. O que conhecemos do sujeito é apenas o seu corpo, enquanto objetividade deste; este corpo do sujeito é apenas uma representação em meio às outras representações, um objeto entre outros objetos submetidos às leis das representações, conhecido no espaço, tempo e causalidade que compõem o princípio de razão. O corpo enquanto objeto se encontra para o sujeito que o conhece em um determinado tempo, um determinado espaço e é conhecido pelo seu efeito em outros corpos. Logo, apenas o lado objetivo do sujeito, isto é, o corpo, é conhecido e nunca o sujeito em si mesmo, pois este não se encontra inserido nas leis de conhecimento do princípio de razão, e por isso não pode ser conhecido.

O mundo como representação possui duas partes, uma é o objeto submetido ao princípio de razão e a outra é o sujeito, que não se encontra submetido ao espaço, tempo e causalidade, logo, fora da submissão às leis do princípio ao qual o objeto faz parte. O sujeito está inteiro em cada ser representado, ou seja, basta um único sujeito conhecedor para que o mundo inteiro como representação exista.

[...], por conseguinte, um único ser que representa, com o objeto, complementa o mundo como representação tão integralmente quanto um milhão de seres que representam; mas se aquele único ser desaparece, então o mundo como representação não mais existiria. Tais metades são, em consequência, inseparáveis, mesmo para o pensamento: porque cada uma

²⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 3, § 1.

delas possui significação e existência apenas por e para outra, cada uma existe com a outra e desaparece com a outra.²⁸

Sujeito e objeto, enquanto as duas metades do mundo como representação, são indivisíveis, pois cada uma tem a existência pela e por outra, ou seja, se retiramos o sujeito não restará objeto, pois o mesmo só existe se for conhecido por um sujeito; o mesmo acontece se subtraímos o objeto, o sujeito será excluído automaticamente, pois não haveria mais razão de ser a não ser conhecer o objeto. Não há representação sem sujeito e não há sujeito sem representação, pois um é o correlato do outro.

A Vontade tem que ser objetivada por alguém para, enfim, existir como representação, do contrário não haveria intelecto para apreender aquilo que aparecesse da Vontade. Só é possível a existência de um objeto para um sujeito, só há conhecimento objetivo se houver para quem objetivar. Isso se dá a partir do corpo, um instrumento crucial, sem o qual não seria possível a concepção nem da representação do mundo nem do em si dele chamado de Vontade.

O sujeito é aquele que pode ser visto sob dois polos: o primeiro, como ser conhecedor, aquele que apreende o mundo como representação pelo princípio da razão. Ele conhece esse mundo graças a seu entendimento e, ao mesmo tempo em que conhece, não é conhecido, pois, enquanto sujeito, não está submetido às formas puras de conhecimento. Estas podem ser atribuídas apenas para objetos exteriores ao sujeito e nunca a ele mesmo. O segundo polo seria o sujeito que também é objeto entre outros, a ser conhecido por outro sujeito conhecedor e, assim, tornando-se objeto de conhecimento para outro. O sujeito é aquele que conhece aquilo que é exterior a ele como objeto, entretanto ele mesmo não é conhecido. Para conhecer pelo entendimento é preciso um distanciamento do objeto a ser concebido a ponto de considerá-lo como algo fora dele mesmo, estando dentro das condições de espaço, tempo e causalidade, pressupondo uma distinção entre ele, o que é impossível do ponto de vista schopenhaueriano, pois um é inseparável do outro e só podem ser pensados juntos. No entanto, é possível a cognoscibilidade de ambos a partir de um instrumento que ora

²⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 6, § 2.

podemos conhecer como sujeito e ora podemos conhecer como objeto. Este instrumento é o corpo.

2.2. Representações intuitivas e abstratas.

Em *O mundo...*, Schopenhauer defende a existência de dois tipos distintos de representações. O primeiro tipo é a representação intuitiva, de onde é apreendido todo o mundo aparente e todas as representações que têm em comum o espaço e tempo que são intuídos sem mediação. Essa classe de representações é reconhecida pelos hindus como o Véu de Maya, um véu de ilusão, que compreende todo o mundo visível. Este mundo aparece sob um véu translúcido mostrando apenas o lado submetido ao princípio da razão, acessível ao entendimento. Esta representação do véu de Maya é uma aparência ilusória da realidade, um fenômeno o qual estamos presos e submetidos às leis do princípio citado anteriormente.

A representação intuitiva é imediata, ela intui a coisa em si mesma, ela intui a realidade, ela é uma representação pura onde tudo é firme e se basta a si mesmo, não existem questões ou dúvidas, não se quer ir além daquilo se se intui, há uma satisfação.

Durante o tempo em que nos mantemos intuindo de modo puro, tudo é claro, firme e certo. Inexistem perguntas, dúvidas, erros: não se quer ir além; sentimos calma no intuir, satisfação presente. A intuição se basta a si mesma; // por conseguinte, tudo que se origina dela e a ela permanece fiel, como a autêntica obra de arte, nunca pode ser falso ou contradito pelo tempo, pois lá não há opinião alguma, mas a coisa mesma.²⁹

A representação intuitiva é autossuficiente, pois ela mostra o objeto em si mesmo. Quando o Véu de Maya entra em cena, com sua aparência distorcida, acontece o engano do entendimento, ou seja, a ilusão, que é o oposto da realidade. No entanto, embora esta intuição seja passível de ilusão, ela é a fonte primária do conhecimento do mundo como representação, e aquela que é a base do entendimento e consequentemente de outro tipo de representação, que será tratado a seguir.

²⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. , 41 § 8.

O segundo tipo de representação seria a representação abstrata e ela corresponde ao conhecimento racional. Essa classe das representações existe apenas nos humanos, ela é responsável pela criação de conceitos através da reflexão a partir de encadeamentos mais complexos oriundos da causalidade. Os conceitos pertencem exclusivamente às representações abstratas, eles não podem ser intuídos, mas apenas pensados a partir de uma primeira intuição; eles são universais e não individuais, se encontram em uma relação necessária com a representação intuitiva, sendo a cópia ou a repetição do mundo intuitivo, sendo “representações das representações”, ou seja, a essência das representações abstratas são as representações intuitivas.

Embora, pois, os conceitos sejam desde o fundamento, diferentes das representações intuitivas, ainda assim se encontram numa relação necessária com estas, sem as quais nada seriam; relação que, por conseguinte constitui toda a sua essência e existência. A reflexão é necessariamente cópia, embora de tipo inteiramente especial, é a repetição do mundo intuitivo primariamente figurado num estofo completamente heterogêneo. Por isso os conceitos podem ser denominados de maneira bastante apropriada representações de representações.³⁰

Por isso, a partir da leitura da primeira parte de *O Mundo...*, podemos concluir que os conceitos têm correlato com a razão e têm como fundamento as representações, considerando que estas representações abstratas pertencem exclusivamente ao homem, pois o animal apenas sente e intui, enquanto o homem não se contenta em apenas intuir, ele precisa utilizar essa intuição através da razão, criando conceitos e explicações racionais que satisfaçam sua necessidade de verdade.

Considerando que os conceitos levam ao conhecimento de verdades, e estas são provenientes da razão, mas esta pode se enganar, nos levando ao erro, pois quando a razão entra em cena juntamente com o entendimento, ela traz consigo as dúvidas, comuns à reflexão

³⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. , 47.§ 9.

Segundo Schopenhauer, “na representação abstrata o erro pode perdurar por séculos”³¹ e por isso devemos lutar para acabar com erros e considerá-los inimigo da sabedoria. É na primeira parte de sua obra principal, que Schopenhauer defende que o saber é qualquer conhecimento racional, abstrato, afirmando que o que sabemos é aquilo que conhecemos de forma abstrata a partir do que primeiro recebemos de nossa intuição.

2.3. Representação submetida ao princípio de razão.

Considerando a afirmação de Schopenhauer de que a representação é relativa, pois só existe em relação a um sujeito que possa apreendê-la, através da causalidade, espaço e tempo, podemos observar que, segundo sua teoria, o espaço e o tempo podem ser intuídos sozinhos e separadamente da matéria, mas nunca o contrário, a matéria só pode ser intuída em relação ao espaço e tempo, pois ela está diretamente ligada à causalidade que, enquanto causa e efeito, é constituída pela união de espaço e tempo. De acordo com ele, a essência da matéria é fazer efeito; somente fazendo efeito é que ela preenche o espaço e tempo e é intuída pela percepção e apreendida pelo entendimento, logo ela constitui a causalidade, parte integrante do princípio de razão; a perceptibilidade da matéria é fazer efeito; sua “forma que é inseparável da matéria”³², se constitui no espaço, enquanto o seu fazer efeito – que é o ser da matéria – consiste na mudança que é uma determinação do tempo. Logo, a matéria se constitui do tempo e espaço juntos. Entendendo isso, é possível compreender que a causalidade só pode ser intuída em conjunto com o espaço e tempo, integrando o princípio de razão.

A mudança, isto é, a alteração ocorrida segundo a lei causal, concerne, portanto, sempre uma determinada parte do espaço e a uma determinada parte do tempo, SIMULTANEAMENTE e em união. Em conformidade com isso, a causalidade une espaço e tempo. Vimos que a essência inteira da matéria consiste no fazer-efeito, portanto na causalidade; [...] a causalidade tem de portar em si propriedades do espaço e do tempo simultaneamente.³³

³¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 41, § 8.

³² Ibidem. p. 10, § 4.

³³Ibidem. p. 11, § 4.

Desta forma, entendemos que, para Schopenhauer, toda a causalidade existe apenas para e pelo entendimento, e que a função do entendimento é conhecer a causalidade. Esse conhecer pelas causas se dá a partir do efeito que o objeto conhecido causa em outro objeto- o corpo; este outro objeto é aquele que, através da percepção, apreende este efeito e media o conhecimento para o entendimento, este seria o corpo animal. Ele é um objeto imediato, agindo como ponto de partida para o entendimento do sujeito que conhece a representação.

Ora, assim como o nascer do Sol faz surgir o mundo, visível, também o entendimento transforma de UM SÓ golpe, mediante sua função exclusiva e simples, a sensação abafada que nada diz em intuição.³⁴

A causalidade seria tudo que se encontra simultaneamente no espaço e no tempo, tudo que resulta de causas e motivos. O ser da matéria é fazer efeito, preenchendo o tempo e o espaço em sua ação do objeto imediato, ou seja, o corpo. Isso é o que condiciona a intuição, assim existe a matéria, por esta intuição do sujeito. O tempo e o espaço podem ser representados intuitivamente sozinhos, sem a matéria, mas nunca a matéria sem o tempo e o espaço. A forma e a matéria são inseparáveis, a forma pressupõe espaço e o fazer efeito, que seria a mudança de uma forma à outra e que só pode acontecer no tempo. Logo, tempo e espaço unidos é o que constitui toda a matéria, e toda essência da matéria é o tempo e espaço juntos, ela reside no fazer efeito, ou seja, na causalidade. Sem o uso da causalidade nunca chegaríamos a intuir o mundo objetivo, pois a intuição é intelectual e não simplesmente empírica, ou seja, através dos sentidos obtemos apenas sensações; é o uso da causalidade que nos leva ao entendimento dessas sensações enquanto efeito de uma causa.

Toda causalidade, isto é, sua matéria existe apenas para e pelo entendimento, cuja função é conhecê-la. Esse conhecer pelas causas se dá a partir do efeito que o objeto conhecido causa em outro objeto mediador do conhecimento. Consideramos o objeto mediador do conhecimento como o corpo, que é aquele que media essa causa e efeito para o entendimento do sujeito conhecedor. Esses corpos como objetos mediadores agem como ponto de partida para o entendimento. A relação de causa e efeito se dá apenas entre objeto imediato – corpo – e objeto mediato – representação –, nunca o contrário.

³⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 14, § 4.

O que o olho, o ouvido e a mão sentem não é intuição: são meros dados. Só quando o entendimento passa do efeito à causa é que o mundo aparece como intuição, estendido no espaço, alterando-se segundo a figura, permanecendo em todo o tempo segundo a matéria, pois o entendimento une espaço e tempo na representação da MATÉRIA, isto é, eficácia.³⁵

Portanto, todo ser animal possui o entendimento, todos são capazes de perceber a causalidade, são capazes de compreender o mundo como representação através de seu corpo como objeto imediato. No entanto, o homem é capaz de associações mais complexas dos dados de seu entendimento, e o mundo como representação pode ser compreendido por ele de uma forma reflexiva, quando nele o espírito filosófico é desperto, quando ele percebe que este mundo e tudo que está inserido nele é mera representação dependente dele enquanto sujeito que concebe tal representação e que sem ele este mundo não existe.

2.4. O entendimento.

Para Schopenhauer, o entendimento tem a função de conhecer a causalidade e nada além disso. Toda matéria existe somente no entendimento e para o entendimento. Segundo o filósofo, ele é a intuição do mundo efetivo como conhecimento da causa pelo efeito, esse efeito tem atuação nos corpos animais, que são objetos imediatos do sujeito, que age intermediando a intuição de todos os outros objetos que agem sobre ele. Segundo Schopenhauer, tal intuição não acontece por reflexão intelectual ou por livre escolha, mas é algo imediato, é o entendimento puro, sem o qual não seria possível a intuição.

Já que em *O mundo...*, o entendimento é visto como o conhecimento da causalidade e a intuição do efetivo, podemos observar que a relação do corpo com o entendimento é de dependência, considerando que a intuição é percebida nos corpos animais e estes agem como objetos imediatos, captando os dados para intuição e os levando ao entendimento. O que o corpo sente são meros dados, e quando o entendimento media a concepção do efeito para a causa é que o mundo como intuição aparece para o sujeito.

³⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 10, § 4.

Cada força e lei natural, não importa onde se exteriorize, tem de primeiro ser conhecida imediatamente e apreendida intuitivamente pelo entendimento, antes de aparecer *in abstracto* na consciência refletida para a razão.³⁶

O entendimento é o que todos os animais têm, é o conhecimento dos objetos exteriores a seus corpos. Este entendimento é o mesmo em todos os animais, mas ele existe em diferentes graus, desde o mais baixo ao grau mais alto. O entendimento de grau mais baixo compreende apenas a relação causal entre objeto imediato – corpo – e mediato – representação –, ele conhece apenas o suficiente pela ação que o corpo sofre da causa. O entendimento de grau mais alto é aquele que pode compreender as relações mais complexas. Vale ressaltar que Schopenhauer deixa claro que o entendimento está completamente separado da razão, por isso ele se encontra também nos demais animais não humanos – o entendimento é irracional e intuitivo.

Todos os animais possuem entendimento, todos têm a capacidade de conhecer pelas causas. Este entendimento determina as ações dos animais, em diferentes graus, dependendo de sua capacidade cognitiva de conexão causal entre seu corpo e as demais representações. Esse tipo de capacidade cognitiva ainda pertence às representações intuitivas e não às abstratas. Embora as representações abstratas tenham a capacidade de criar conceitos e combiná-los, elas não produzem o entendimento, a razão já o utiliza conforme ela tem acesso a eles, ou seja, já prontos.

Schopenhauer argumenta nos suplementos de *O Mundo...*, que o instinto no intelecto animal é mais desenvolvido do que no ser humano, pois nos animais há somente o conhecimento intuitivo, ou seja, o entendimento; os animais não possuem o conhecimento abstrato, não possuem a faculdade de razão, eles compreendem a causalidade, mas não de forma reflexiva, pois não possuem conceitos. O filósofo relaciona isso com o fato dos animais carecerem de memória, como um dos fatos fundamentais que os diferenciam dos humanos. Segundo Schopenhauer, a capacidade de recordação animal é limitada, assim como todo seu intelecto que se limita à capacidade intuitiva, sem a possibilidade de uma reflexão racional sobre o que intui. Nos animais há sempre uma recordação ativada por uma intuição recente ou recorrente, eles podem ter o hábito, mas não uma memória verdadeira. Desta forma ocorrem

³⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. , 24.§ 6.

os adestramentos, quando, por meio de um sinal ou uma palavra que seu entendimento capta, é despertada uma recordação com algo, por meio de uma associação com outra intuição, pela capacidade de associação deste sinal ou palavra com uma intuição, mostrando apenas a sua capacidade de absorver o entendimento do efeito por uma causa. Para os animais não existe passado ou futuro, eles vivem conforme aquilo que sua intuição capta naquele momento.

Schopenhauer acredita que, devido a este “viver o presente apenas”, é que os animais sofrem menos que os humanos; os animais não sofrem por acontecimentos passados, pois estes não têm recordação nenhuma do que passou e também não sofrem por temerem o futuro, já que para isso é preciso um pensamento abstrato, com uma reflexão racional e conhecimento sobre possibilidades do futuro que estes animais não têm, pois para eles há apenas o presente vivido.

Do exposto se infere que todos os animais possuem entendimento, mesmo os mais imperfeitos, pois todos conhecem objetos, e este conhecimento determina, como motivo, os seus movimentos. – O entendimento é o mesmo em todos os animais e em todos os seres humanos, possui sempre e em toda parte a mesma forma simples: conhecimento da causalidade, passagem do efeito à causa e desta ao efeito e nada mais.³⁷

Logo, todo ser animal é dotado do entendimento e da capacidade de compreender a causalidade, pois esta se dá pelos corpos e os dados captados por ele. Assim, para todo ser animal, o mundo é conhecido desta forma, desde que este ser tenha um corpo e a capacidade de absorver as informações intuitivas captadas por ele. Com isso, o mundo como representação existe para todos os seres animais.

Schopenhauer argumenta sobre o entendimento humano nos suplementos de *O Mundo...*, compreendendo que, no homem esse entendimento se dá de forma diferente em comparação aos animais, pois somente o homem se espanta com sua própria existência, já que só ele tem a consciência desta. Para os demais seres, a existência é apenas vivida, não é sequer notada. Nos animais, a Vontade e o intelecto ainda estão unidos, não há uma separação

³⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. , 24.§ 6.

suficiente para o espanto ou a reflexão sobre a própria existência, e os animais apenas vivem de acordo com seu instinto, com sua natureza.

Só depois, quando a essência íntima da natureza (a Vontade de vida em sua objetivação) ascendeu vigorosa e magnanimamente pelos dois reinos dos seres sem consciência, e em seguida pela longa e ampla série dos animais, é que finalmente, com o aparecimento da faculdade de razão, logo no ser humano, a essência íntima da natureza chega pela primeira vez à introspecção: então espanta-se com as // próprias obras e pergunta-se o que ela mesma é.³⁸

Graças à capacidade de distanciamento intelectual do homem, é possível este estranhamento e, conseqüentemente, a curiosidade em entender sua própria existência. Somente por causa desse distanciamento, que é consequência da abstração, o homem reflete sobre o seu existir e é levado a uma necessidade metafísica graças à introspecção causada pelo espanto da existência. Desta forma surge a necessidade filosófica em explicar o que ele é e como é e não apenas existir.

2.5 O corpo como instrumento do conhecimento da representação.

Conforme temos observado na obra capital de Schopenhauer, este mundo conhecido como representação só existe ou só pode ser conhecido por e para um sujeito. Este se torna um sujeito de conhecimento quando o reconhecemos enquanto corpo formado entre o próprio sujeito e representação, como partes inseparáveis, inteligíveis uma pela outra. Assim, o corpo pode ser entendido como um objeto de intuição submetido às condições formais de pensamento – espaço e tempo. Ele é visto por Schopenhauer como um primeiro conhecer pelas sensações, pela percepção de como os outros corpos agem sobre ele, tornando-o um objeto imediato e só nos é conhecido claramente de forma indireta, não pelo modo empírico, mas pelo entendimento e pela representação como aquele que conhece todo o resto sem ser ele mesmo conhecido.

É desta forma que podemos perceber o papel que o filósofo dá ao corpo, como ponto de partida para o conhecimento, pois o sujeito só pode conhecer um objeto ao se reconhecer

³⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 195, § 17.

como um também, isto é, como um corpo. O sujeito, enquanto corpo, conhece através do processo de diferenciação daquilo que ele não é; o corpo é visto como um objeto imediato, um ponto de onde parte para o conhecimento de outros objetos exteriores a ele. A apreensão do mundo como representação, ou seja, como objeto cognoscível ao entendimento, só pode ser concebida a partir de um sujeito, a partir de um processo de diferenciação, onde ele percebe outro objeto exterior a ele, diferente de si. Para isso, o sujeito deve se reconhecer também como mais um objeto entre tantos outros. Desta forma, o sujeito concebe aquilo que é diverso dele pela afecção que é percebida através de sua sensibilidade. Esta, por sua vez, pressupõe um sujeito também objetivo, ou seja, como algo que ele também pode conceber a partir do princípio de razão. Este objeto seria seu próprio corpo. Assim, o conhecimento deve partir de um lugar ou de algo que seria o próprio corpo do sujeito.

Cada um encontra-se a si mesmo como esse sujeito, todavia, somente na medida em que conhece, não na medida em que é objeto de conhecimento. Objeto, contudo, já é seu corpo, que, desse ponto de vista, também denominamos representação.³⁹

O conceito de corpo como objeto, ou seja, como representação, nos esclarece como se dá o conhecimento do mundo e das coisas de forma mais clara na filosofia schopenhaueriana, mostrando-se como o ponto fundamental para a estruturação de sua teoria do conhecimento ao considerar o sujeito como objeto – corpo como sujeito de forma objetivada – e como mediador do conhecimento dos objetos exteriores a ele e, por isso, ponto de partida para o conhecimento do mundo como representação. Desta forma, entende-se a possibilidade de conhecimento do mundo de forma intuitiva objetivamente e subjetivamente ligadas pelo corpo. De forma objetiva, quando reconhecemos o poder dos corpos agirem sobre outros corpos, o que faz o sujeito conhecer aquilo que age sobre si mesmo enquanto corpo, e de forma subjetiva, quando usamos o entendimento para processar essa ação através da sensibilidade, considerando este corpo conhecido a partir da causalidade.

A sensibilidade do corpo do sujeito conhecedor, seja este humano ou outro animal diverso, se dá quando percebemos aquilo que o afeta, que nos faz conhecer os objetos de forma imediata pela pura sensação e, conseqüentemente, fazendo o sujeito conhecer a si

³⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 5, § 2.

mesmo de forma indireta pela ação dos outros corpos. Esse mundo como representação está como objeto em relação a um sujeito, está como intuição de algo que intui a partir da sensibilidade de um corpo e é sendo processado pelo entendimento, isto é, tempo, espaço e causalidade.

O entendimento depende do objeto, isto é, depende da representação, esta que pertence ao sujeito. A representação ou o objeto seria uma conclusão do entendimento de todo animal, uma atividade do interior da cabeça. Esse conhecimento, no entanto, se dá em um grau maior devido à capacidade do ser humano usar o princípio da razão para organizar este mesmo conhecimento proveniente do corpo.

De acordo com Schopenhauer, não há um ser do objeto fora do sujeito e fora da relação com seu corpo o considerando também como objeto. Todo o mundo objetivo é e permanece na representação para um sujeito, o que não significa necessariamente que esta representação seja ilusão, mas ela é a forma como o sujeito consegue captar e conhecer a partir de seu entendimento. Assim, o filósofo afirma que sujeito e objeto são inseparáveis, em uma dependência de existência um do outro: a representação acaba se o sujeito também acaba; ela só existe por e para um sujeito.

Considerando que tudo vem de algum lugar e que é necessária uma causa para um efeito, Schopenhauer considera que apenas um objeto pode ser a causa para uma coisa e esta coisa é também um objeto, ou seja, o corpo. Este corpo seria um objeto imediato, uma representação servindo como ponto de partida para o princípio de causalidade, fornecendo os primeiros dados para o conhecimento. O universo como representação seria um objeto que não distinguimos do nosso próprio corpo, também objeto. No entanto, a consciência dificilmente admite para o corpo tal explicação, pois, do ponto de vista do conhecimento, o corpo é apenas intuição para o indivíduo; seu corpo é conhecedor sem ser ele mesmo reconhecido de forma direta pelo entendimento, ele não se reconhece como apenas um objeto entre outros objetos. O indivíduo só tem conhecimento de si como objeto, como corpo entre tantos outros, a partir da sensibilidade, mantendo com ele e através dele as mesmas relações do princípio da razão. Ele, enquanto objeto a ser concebido, apenas como mais um em meio a outros corpos, está submetido às leis do princípio da razão, mas o corpo, enquanto objetivação do sujeito e também objeto conhecedor, não pode ser concebido dentro das leis do entendimento, por isso o sujeito objetivado é conhecedor, mas não é conhecido.

Portanto, o corpo como objeto propriamente dito, ou seja, como representação intuível no espaço, só é conhecido, justamente como os demais objetos, apenas de maneira mediata, pela aplicação da lei da causalidade na ação de uma das suas partes sobre as outras, logo na medida em que o olho vê o corpo, a mão o toca. Por meio do simples sentimento geral não conhecemos a figura do nosso corpo, mas o fazemos apenas pelo conhecimento, apenas na representação.⁴⁰

Então, considerando todos os objetos, inclusive nosso corpo como representação, de um lado temos o mundo como Vontade, como substância primordial constituinte de tudo e, por outro lado, temos a Representação, como a Vontade tornada objeto concebível para nossa percepção e entendimento a partir do princípio de razão (espaço, tempo e causalidade). Temos o corpo como objeto imediato e ponto de partida para a intuição dessa vontade objetivada que se manifesta em nosso corpo de uma forma mais próxima ou mais distante da nossa vontade.

Dessa Vontade conhecemos seus efeitos pelo nosso corpo e sua sensibilidade. O princípio de razão põe o objeto conhecido nessa relação com o corpo como Vontade, pois o conhecimento que serve à Vontade só conhece enquanto o objeto desperta o interesse dela sentido no corpo; um objeto só é conhecido em um determinado lugar, tempo e em determinada circunstância. Logo, só existe representação (objeto) pela relação de afetação ao corpo como instrumento da Vontade. Mas, se o corpo como o objeto for suprimido, esta relação não existirá mais. Desta forma, não existiria também um mundo como representação. De acordo com a análise de Jair Barboza sobre o corpo, ele entende que Schopenhauer confere ao corpo o ponto de partida para o conhecimento do mundo pelo conhecer do sujeito; ele acredita que o entendimento, em conjunto com os sentidos, tem a função de levantar os dados provenientes dos sentidos e traduzi-los para a percepção. Somente através do entendimento, em conjunto com os sentidos, que se pode ter acesso ao conhecimento das representações.

Segundo Schopenhauer, o nosso corpo é um objeto imediato, vale dizer, é um conjunto de sensações. Ele é o ponto de partida para todo conhecimento porque fornece, pela causalidade, os primeiros dados para o entendimento,

⁴⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 23, § 6.

que, igual a um artesão com seus materiais, trabalha-os e constrói os objetos, pois as sensações nuas e cruas, sem as formas inatas do conhecimento para lhes aplicar, são cegas, nada significam. ⁴¹

O corpo não se dá imediatamente como objeto, antes ele conhece os outros corpos exteriores a ele na medida em que eles os afetam. Os corpos são objetos imediatos na medida em que são vistos como ponto de partida para conhecer o mundo como intuição pelo sujeito, quando ele é aquele que fornece conhecimento através das informações sensoriais e representações empíricas, que constituem a base para o conhecimento fornecendo os dados para a razão. A partir das sensações percebidas pelo corpo, todo esse conhecimento à serviço da Vontade segue as relações do princípio da razão, ele fornece dados para nosso entendimento através da percepção. Por esse ponto de vista, ele é agente condicionante do conhecimento para o sujeito. Entretanto, por outro lado, o corpo, quando o consideramos enquanto objeto conhecido, é mediato, é visto como representação, como um corpo entre os outros a ser conhecido na intuição do entendimento e está submetido às formas puras do entendimento na medida em que é objeto a ser conhecido por um sujeito. Ele é considerado como realidade externa a esse sujeito que conhece.

2.6. A representação e os corpos animais.

Ao considerar o corpo como objeto mediador do conhecimento do mundo representativo, podemos observar que Schopenhauer considera que todo ser dotado de um corpo e que possua um entendimento daquilo que afeta este corpo a partir da causalidade tem conhecimento do mundo como representação, logo é um sujeito que conhece; podemos considerar que todos os corpos animais têm a capacidade de conhecer pelos sentidos, todos esses corpos são objetos imediatos e captam os dados necessários para o conhecimento intuitivo. Todos os animais possuem o entendimento, todos são capazes de conhecer, todos conhecem os objetos e este conhecimento é o que determina seus movimentos instintivos. Na representação o corpo é objeto imediato, ele é o ponto de partida para conhecer o mundo intuitivo. Este conhecimento se dá em duas condições e possibilidades: A primeira seria o conhecimento objetivo, observando e entendendo a capacidade dos corpos fazerem efeito uns nos outros; a segunda possibilidade se dá de forma subjetiva, através da capacidade de

⁴¹ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna 1997. p.33.

entendimento de captar as informações fornecidas pela sensibilidade de seu corpo como objeto imediato para o sujeito.

Schopenhauer mostra constantemente, na primeira parte de sua obra principal, a característica que torna o corpo o conceito fundamental do conhecimento do mundo como representação, o conceito de corpo animal como objeto imediato e como principal instrumento fornecedor de conhecimento na medida em que o mundo exterior o afeta.

Do que foi dito se segue que todos os corpos animais são objetos imediatos, isto é, ponto de partida para a intuição do mundo para o sujeito, que tudo conhece e justamente por isso, nunca é conhecido. Por conseguinte, o CONHECER, junto com o movimento por motivos condicionado pelo conhecimento, é o CARÁTER FUNDAMENTAL DA ANIMALIDADE, assim como o movimento por estímulos é o caráter da planta.⁴²

Sendo assim, se todo o corpo é o ponto de partida para o conhecimento e percepção da vontade objetivada, chamada aqui de representação, todo animal possui seu mundo como representação. Todo animal, através de seu corpo, entendido também como objeto, tem a intuição da vontade objetivada, pois todos os corpos são objetos imediatos com um conjunto de sensações servindo como ponto de partida para a intuição e entendimento do mundo. Pelo entendimento é que se dá o conhecimento das causas pelos efeitos, ele é a “intuição do efetivo”. A intuição é o que é percebido nos corpos dos seres vivos, eles são objetos imediatos do sujeito, a intuição de todos os objetos é intermediada pelo corpo.

No entanto, se todos os animais possuem esse entendimento do mundo como representação, pela causalidade, neles esse entendimento pelas causas se dá em um grau mais fraco, pois só o homem é capaz de compreender a existência do mundo por um encadeamento das relações de causa e efeito, pois só ele tem a capacidade da reflexão, o que difere o entendimento dele do entendimento dos outros animais.

O conhecimento do mundo como representação seria o único conhecimento dos animais. O conhecimento da realidade, obtido por eles através do objeto imediato, acontece na medida em que aquilo que ele conhece está em relação a sua vontade, esta é caracterizada

⁴² SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 24, § 6.

pelo instinto animal. O entendimento animal conhece aquilo que sua vontade quer, aquilo que afeta sua vontade percebida pelo seu corpo. Portanto, o mundo intuído pelos animais é limitado. Eles conhecem apenas aquilo que os afeta, aquilo que a vontade necessita que estes conheçam; os animais conhecem os demais corpos exteriores a eles, mas não conhecem seu próprio corpo também como objeto. Falta aos animais não humanos a curiosidade, a capacidade reflexiva sobre o que ele é.

Os animais têm entendimento, sem terem faculdade de razão, portanto, tem conhecimento INTUITIVO, mas não abstrato: apreendem corretamente, também captam imediatamente o nexos causal, e os animais superiores o captam inclusive através dos vários elos da cadeia causal; contudo, propriamente dizendo, não PENSAM. Pois lhe faltam os CONCEITOS, isto é, as representações abstratas.⁴³

O animal, enquanto sujeito conhecedor, se limita a conhecer as representações intuitivas, aquelas que não são seu corpo enquanto objeto conhecido. Neles não há a possibilidade de abstração necessária para se distanciar de seu próprio corpo para conhecê-lo e considerá-lo além de objeto imediato – aquele que fornece conhecimento –, também objeto mediato, como apenas mais um objeto entre outros, outra representação em meio às demais representações que também estão submetidas às leis do princípio de razão. Aos animais é vetado pela sua própria natureza o conhecimento das representações abstratas, pois eles apenas entendem pela causalidade. Para eles não há a razão para criar e investigar os conceitos. Os animais apenas vivem de acordo com o que seu corpo pede; eles se preocupam apenas na preservação instintiva de sua vida, conhecendo apenas aquilo que é necessário a ela. No animal não há a necessidade metafísica de perceber sua existência e seu corpo separado de si, enquanto mais um objeto entre outros e questionar aquilo que ele é e como ele é.

2.7. O corpo humano, objeto conhecido e conhecedor.

⁴³ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 69, § 5.

No *Mundo como vontade e representação*, Schopenhauer afirma que o corpo é conhecido imediatamente – como objeto imediato – na medida em que os seus sentidos percebem, e aquilo que é percebido não desperta nem prazer e nem dor. Porém, que essa percepção seja apenas um ato de conhecer puro, sem relação alguma com a Vontade, revela-nos que este corpo atua apenas como mediador do conhecimento do objeto que faz efeito sobre ele. A relação de causa e efeito existe apenas entre objeto imediato e mediato, entre objeto mediador do conhecimento e demais objetos conhecidos, ou seja, entre corpo e representação, mas nunca entre sujeito e objeto. O corpo, do ponto de vista da cognoscibilidade, é apenas representação e objeto imediato, ele é o ponto de ligação entre sujeito e mundo como representação, a partir do momento em que o corpo parte de sua sensação através dos sentidos e essas sensações são absorvidas pelo entendimento.

No entanto, o corpo não se dá imediatamente como objeto, antes ele conhece os corpos exteriores a ele na medida em que estes o afetam. Neste ponto entra em cena o entendimento que capta esses dados fornecidos pelo corpo dando origem ao conhecimento das representações intuitivas. É na primeira parte de *O Mundo...*, que Schopenhauer mostra que o corpo aparece para a consciência como coisa em si, conhecida imediatamente, mas ao se objetivar para outro sujeito, só é conhecida de forma mediata por este, como representação. Neste caso, entendemos que o corpo é duplamente consciente: ele, por um lado, é representação e, por outro, é Vontade. Eis a grande importância do corpo em sua teoria do conhecimento, mostrando-se como um conceito essencial para a compreensão do mundo. O conceito de corpo tem essa dupla significação, assim como o mundo para o filósofo, pois ele transita entre as duas concepções: o mundo como representação e o mundo como Vontade.

Nos suplementos de *O Mundo...*, o mundo objetivo é tratado como tendo uma realidade empírica. Embora o objeto não seja a coisa em si, ele tem realidade enquanto representação, enquanto objeto empírico, assim a representação é conhecida como realidade objetiva por algo que também é objetivo em um determinado momento. O corpo passa a conhecer esse mundo como representação em sua realidade, mas ele também está contido nesse mundo como representação, e tem sua realidade representativa como as demais.

Apesar de toda a idealidade TRANSCENDENTAL, o mundo objetivo conserva realidade EMPÍRICA: de fato, o objeto não é a coisa em si;

contudo, como objeto empírico é real. Se de um lado o espaço está só em minha cabeça, por outro empiricamente, minha cabeça está no espaço.⁴⁴

Os outros objetos tratados como representações são exatamente como o corpo, compreendido como representação. Eles preenchem o espaço e atuam por meio da causalidade. O mesmo mundo considerado ora como representação e ora como Vontade tem seu entendimento como em uma dupla significação, ele é a mesma coisa vista de formas diferentes. O mesmo acontece com os objetos deste mundo, entre eles também o corpo humano. Este é uma representação como qualquer outra, mas com uma única diferença: o conhecimento; ele é, por um lado, conhecido como Vontade e, por outro lado, conhecido como representação mediata. Diferentemente dos animais, que apenas conhecem aquilo que afeta seus corpos como objeto imediato, sem conhecer a si mesmos, assim como seus próprios corpos como objetos mediatos, no homem o conhecimento de seu próprio corpo é possível graças à capacidade de conceber o entendimento usando-o como instrumento para a razão. Desta forma, o homem consegue se distanciar de seu corpo enquanto objeto imediato, percebendo-o como objeto mediato, como um objeto a ser conhecido e investigado, submetido à lei do princípio de razão.

Entretanto, essa dupla função do corpo, ora como conhecido, ora como conhecedor, foi tratada mais profundamente nos suplementos de *O mundo como vontade e representação*, onde Schopenhauer levanta a questão:

[...] também a minha própria pessoa é objeto para um outro, é portanto sua representação; e no entanto sei com certeza que eu existiria mesmo se este outro// não me representasse. Na mesma relação no entanto em que EU estou para com o intelecto deste outro, estão também para com ele todos os outros objetos: conseqüentemente estes também existiriam mesmo se tal outro não os representasse.⁴⁵

A partir da afirmação acima, Schopenhauer faz a seguinte indagação: se o objeto só existe enquanto representação para um sujeito e eu sou também esse objeto que é

⁴⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 23, § 2.

⁴⁵Ibidem. p. 8, § 1.

representado por e para um outro sujeito que conhece, eu existiria mesmo se este outro sujeito deixasse de existir, assim também como os demais objetos que são minha representação continuariam a existir se minha existência fosse suprimida?

Para isso, o filósofo de Danzig argumenta que o sujeito que conhece pode ser suprimido, mas não o conhecimento, pois, embora um primeiro sujeito venha a deixar de existir para conhecer um segundo sujeito enquanto sua representação, ou seja, como corpo e objeto a ser conhecido, enquanto mesmo ainda exista e somente este venha a existir, ainda assim este segundo existiria como sujeito que conheceria as demais representações e ele mesmo. Ou seja, a representação do segundo continuaria a existir devido ao fato da sua existência, enquanto sujeito que conhece os corpos exteriores a ele e também conhece a si mesmo, conhecer seu próprio corpo mediatamente; como representação do eu/sujeito, através de seus sentidos, conhece o seu corpo através do princípio de razão. Ele vê seu corpo como extensão que preenche espaço e faz efeito. Assim, ele pode ter o distanciamento necessário do seu corpo como objeto e conhecê-lo, em uma percepção reflexiva sobre ele.

Entretentes, compreende-se fácil que a existência condicionada por um conhecedor é única e exclusivamente a existência NO ESPAÇO, por conseguinte, a de algo extenso e que faz efeito: apenas esta é uma existência sempre conhecida, portanto, PARA UM OUTRO. Decerto, tudo o que existe dessa forma pode ainda ter uma EXISTÊNCIA PARA SI MESMO, para o qual sujeito algum é requerido.⁴⁶

Essa dupla função do corpo no processo de conhecimento do mundo como representação é tratada por Cacciola em *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, como uma contradição, chamada de paradoxo de Zeller⁴⁷, conforme ela mesma nos apresenta:

[...], a saber, se tudo o que aparece no mundo, é mera representação do sujeito, inclusive o cérebro, como considerar que o cérebro, enquanto parte do organismo, é a fonte do conhecimento representativo? Essa contradição

⁴⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 9, § 1.

⁴⁷ Eduard Zeller foi um filósofo alemão que também estudou e depois lecionou teologia e filosofia na Universidade de Marburg. Após um período, lecionou filosofia na Universidade de Heidelberg. O paradoxo que ficou conhecido por seu nome está presente na obra *Geschichte der deutschen Philosophie seit Leibniz*, publicada em 1873 no capítulo “Schopenhauer”.

ficou conhecida como “o paradoxo de Zeller”. Zeller mostra o círculo em que se move a filosofia de Schopenhauer ao afirmar que “a representação é um produto do cérebro e o cérebro é um produto da representação”.⁴⁸

Desta forma, a contradição acontece quando o cérebro, que faz parte do corpo, pode ser ao mesmo tempo aquele que conhece a representação e também o objeto conhecido por este mesmo corpo e este mesmo cérebro. No entanto, isso é explicado por Schopenhauer, ao afirmar que o corpo seria o único objeto que tem essa dupla função, conhecido e conhecedor.

A experiência do corpo enquanto esse objeto conhecedor também é abordado por Cacciola, quando mostra que a experiência que cada um tem pelo corpo é o ponto chave para ir de dados imediatos da experiência externa para então compreender o mundo. Cacciola entende que Schopenhauer mostra que essa experiência pelo corpo seria o “entrelaçamento” da experiência interna e a experiência externa, ou seja, do conhecimento das representações exteriores e do próprio corpo do sujeito. Por isso, o corpo humano tem essa função significativa do conhecimento do mundo e, caso ficássemos presos ao conhecimento imediato da experiência externa como acontece no conhecimento compreendido pelos corpos animais, nunca sairíamos do conhecimento de meras representações.

Portanto, o eu, para Schopenhauer, só é pensável na identidade entre o sujeito do conhecer e o corpo, sujeito do querer. O corpo, como vimos, pode ser conhecido de dois modos totalmente diferentes: como representação na intuição do entendimento, como objeto entre objetos e “concomitantemente de um modo bem diferente, a saber, como o *conhecido* imediatamente por todos, o que a palavra vontade indica”⁴⁹

Portanto, somente através de seu corpo e das afecções sentidas por ele, o sujeito passa a ser indivíduo que conhece o mundo, que conhece o mundo fora de sua individualidade, através de seu entendimento. Assim, o corpo é objeto mediato, quando faz parte do mundo como representação e se reconhece nele como um objeto entre os demais,

⁴⁸ CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 77. §2.

⁴⁹ Ibidem. p 41. §1.

mas também é um objeto imediato no momento em que está em relação ao mundo, conhecendo-o pela sua intuição sem ser ele mesmo conhecido enquanto objeto, mostrando-se como peça-chave para o conhecimento do mundo como representação.

CAPÍTULO III

O CORPO COMO VONTADE

3.1 A passagem do conhecimento da representação para o conhecimento da vontade.

Após analisar o mundo do ponto de vista da representação e não se dar por satisfeito com este conhecimento parcial, Schopenhauer vai à busca da significação das representações, analisando o outro ponto de vista do mundo, a Vontade. Para isso, ele procura entender este lado do mundo, qual é sua relação com o mundo como Representação, se o mundo como Vontade, enquanto outro ponto de vista, é totalmente diverso das representações.

É na segunda parte de *O mundo...*, em sua busca pela significação do mundo além das representações, Schopenhauer acredita que somente a Vontade seja a chave para decifrar o enigma do mundo visto sob um ponto de vista diferente do mundo como representação. Ele chama este outro lado de coisa em si, em referência à teoria kantiana, procurando sempre conservar esta expressão para, com isso, destacar que jamais a coisa em si pode ser considerada objeto, contanto que todo objeto não é em si mesmo, mas apenas a sua aparência de uma coisa em si.

A Vontade é totalmente diferente da representação, pois não obedece ao princípio de razão, não está submetida as suas formas de espaço e tempo, uma vez que só estão submetidos a este princípio os objetos, logo, apenas quando a Vontade é tornada objeto através da objetividade, se tornando algo diverso da vontade em si. Ela é, ao contrário, livre da pluralidade, embora suas aparências não sejam. Ela é uma só, se encontra fora do tempo e do espaço, não está inserida no princípio de individualização. A Vontade nunca tem uma causa, embora sua objetividade que é sua aparência tenha; somente a aparência está submetida à causalidade. No entanto, não podemos conseqüentemente considerar a Vontade como causa da aparência, já que essência da aparência jamais se dá a partir das leis do princípio da razão que regem as representações.

O filósofo de Danzig considera que as representações são aparências da coisa em si, ou seja, aparências da Vontade e, embora apareçam de formas diferentes, umas mais nítidas e outras nem tanto, todas representam, em diferentes graus de clareza, a mesma coisa, a

Vontade. Logo, a mesma Vontade pode ser intuída de diferentes formas, umas mais claras que outras, mas ainda é a mesma coisa objetivada, a coisa em si, a Vontade.

No capítulo 18 dos suplementos de *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer deixa claro que considera esta obra como a mais importante de sua filosofia, pois o que era considerado por Kant como algo impossível – a transição da aparência para a coisa em si –, ele trata neste livro, mostrando como sua teoria demonstra a possibilidade desta transição, dando uma nova explicação e mostrando as possibilidades de conhecimento do mundo fora das representações.

Segundo o autor de *O mundo...*, o ser empírico, aquele que é dado na intuição, já não é mais enigma nenhum para o pensamento, todo conhecer é um representar, ele é objetivo, conhece um objeto representado em um espaço e tempo, sob o princípio da causalidade. O pensamento tem uma relação com a intuição e esta intuição tem uma relação com o ser em si daquilo que é intuído. No entanto, o em si destes objetos ainda é um enigma para o pensamento, ele não é conhecido intuitivamente, não obedece aos mesmos critérios do conhecimento das representações, não pode ser submetido ao princípio de razão, pois o em si não é a mesma coisa que a representação, ele está além do conhecimento do pensamento racional.

Para que algo exista objetivamente, é preciso pressupor um sujeito pelo qual, com sua forma de entendimento, concebe tal representação, sendo que esta representação existe apenas para e por este sujeito que a conhece. Desta forma, Schopenhauer afirma que, embora seja devido admitir que essas representações existam como imagens que o cérebro do sujeito reproduz e que estas só existam para ele enquanto sujeito que conhece, também não é possível admitir que tais objetos que ele conhece não tenham nenhum fundamento, que são vazios e não há uma essência por trás destes. Em concordância com Kant, Schopenhauer afirma que estas representações possuem uma essência, um em si que está oculto para meu entendimento e, conseqüentemente, para meu pensamento racional. Pela mesma via do conhecimento das representações não é possível conhecer além dos objetos, pois estes não seguem as regras de conhecimento do princípio de razão.

O principal resultado a que chegou KANT, pode ser no essencial assim resumido: “Todos os conceitos aos quais não subjaz uma intuição no espaço e no tempo (intuição sensível), ou, por outras palavras, que não são hauridos

de uma semelhante intuição, são totalmente vazios, isso é, não dão conhecimento algum. Ora, já que a intuição só pode fornecer APARÊNCIAS, não coisas em si; segue-se que não conhecemos de forma alguma as coisas em si'. Admito isso em relação a tudo, com exceção do conhecimento que cada um tem de seu próprio QUERER: esse conhecimento não é uma intuição (pois toda intuição é espacial) nem é vazio; antes, é mais real que qualquer outro.⁵⁰

Schopenhauer mostra que a concordância com Kant é apenas parcial, embora admita que é impossível ir além do exterior das coisas pela via de conhecimento das aparências. Ele mostra que esse conhecimento pode ser alcançado por outra via que não a representação, afirmando que, embora o sujeito não seja apenas aquele que conhece, ele também é conhecido, o sujeito mesmo é aparência e coisa em si, possibilitando chegar até o íntimo das coisas, ao ser em si destas, ao tentar conhecer a si mesmo como aparência e em si, tornando-se consciência de si.

Precisamente como tal, A COISA EM SI só pode chegar à consciência de maneira completamente imediata, vale dizer, TORNANDO-SE A SI MESMA CONSCIENTE DE SI: querer conhecê-la objetivamente é exigir algo contraditório. Tudo que é objetivo é representação, portanto, aparência, sim, mero fenômeno cerebral.⁵¹

Segundo o filósofo em questão, o erro de Kant foi considerar que o mundo objetivo não é capaz de nos fornecer nada além do conhecimento fenomênico. Ao fazer isso, ele ignorou que nosso ser pertence tanto ao mundo objetivo dos fenômenos quanto ao mundo da coisa em si, e embora não possamos conhecer esse “em si” totalmente, ainda podemos conhecê-lo com alguma limitação, apreendendo alguns dados deste.

A objetivação é a representação que um sujeito tem de algo, o objeto é condicionado pelo sujeito, é uma representação intuitiva dele, um fenômeno cerebral. Ao retirarmos isto, nos resta a Vontade como coisa em si. O conhecimento do mundo exterior é a consciência de

⁵⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 236, § 18.

⁵¹ Ibidem. p 236. §18.

outras coisas. O intelecto é condicionado pelo seu órgão, o cérebro, enquanto a vontade não é condicionada a nada a não ser a ela mesma, ela é o que permanece, o que muda apenas é o intelecto, já que este é condicionado por outra coisa além dele mesmo. O intelecto é físico, é aquilo que é impulsionado por algo, pela Vontade que o estimula e o controla, assim conhecemos de acordo com a nossa Vontade. Este intelecto submetido à Vontade pode ser entendido sob dois pontos de vistas, o subjetivo e o objetivo.

De forma subjetiva, o intelecto parte do interior e toma a consciência como um dado. A consciência é também aqui a consciência de si, é aquela que conhece a si mesma, sua essência consiste em se conhecer. Já da forma objetiva, ele parte do exterior e não toma a consciência como um dado, mas sim apenas as experiências exteriores e os objetos dados nela; seu ponto de vista é empírico, tomando os objetos existentes no mundo objetivo como um ponto de partida; é a parte da consciência que percebe e conhece os objetos exteriores. Desta maneira, nunca devemos partir pelo caminho puramente objetivo para chegar ao interior das coisas, pois o mundo como representação é um ser para um outro, e, para o conhecimento interior das coisas, devemos conhecer como um ser para si.

Através do caminho subjetivo, encontramos a Vontade primeiramente como nós mesmos, como nosso ser, podendo decifrar os demais seres em seu interior, do seu querer e nela partimos do caminho do ser para si. Sendo assim, cada um conhece em sua vontade apenas a consciência de si, apenas seu ser, ou seja, nossa própria vontade. Todas as outras coisas em si mesmas só conhecemos em relação ao nosso ser.

A Vontade é esse querer cego e sem fundamento, mas é aquilo que fundamenta todas as coisas. O conhecimento é um instrumento produzido pela Vontade como um meio auxiliar para a conservação do indivíduo; atendendo sua vontade, ele atende sua determinação de existência, mas, por outro lado, com o conhecimento surgem as possibilidades de falhas dos impulsos da vontade desprovidos desse conhecer, pois com o conhecimento intuitivo surge a possibilidade de engano, e com o conhecimento abstrato surge o medo e a incerteza, levando a possibilidade de erro.

A Vontade em si mesma é sem consciência e o mundo como representação – secundário – tem que surgir para que a consciência de si apareça, para que a Vontade surja enquanto consciência de si. A Vontade produz um cérebro no indivíduo para que neste

cérebro nasça a consciência de si, através do sujeito que conhece, que apreende as coisas e do “eu” que quer, assim a atividade cerebral compreende as coisas a partir daquilo que seu querer o direciona e é sentido em seu corpo.

Assim, do ponto de vista da representação submetida ao princípio de razão, é o corpo como Vontade objetivada que faz com que o mundo seja mais do que um simples sonho, conferindo-lhe realidade objetiva. Em contrapartida, do ponto de vista da representação livre das formas do princípio de razão, o corpo passa a se constituir num empecilho para a visão objetiva da Ideia.⁵²

Na consciência de outras coisas, ou seja, coisas exteriores a nós, o que atua é a faculdade de conhecer, é o tempo, espaço e causalidade, é a parte mais extensa da consciência. Quando abstraímos a consciência das coisas exteriores, resta à consciência de si, daquilo que queremos em nosso ser mais íntimo, a consciência da Vontade. Segundo Cacciola, em *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, o conhecimento da Vontade é o conhecimento da consciência de si, é um conhecimento diferente do abstrato ou do intuitivo, ele é um conhecimento interno que parte da essência mais íntima de nosso querer.

A consciência de si é, pois, consciência da vontade própria de cada um, contendo essa vontade nas suas diversas manifestações, ou seja, paixões e afetos que traduzem os movimentos da vontade, “o seu querer e não querer alternantes”. Este único objeto da consciência de si já está relacionado com os objetos exteriores a nós e não mais pertence a nós e não mais pertence à consciência imediata, cuja delimitação está na consciência de outras coisas. A consciência de si separada dos objetos exteriores que movem a vontade, seria uma vontade excluída do mundo, encerrada no “interior sombrio” dela mesma.⁵³

Na consciência de si, o sujeito conhece aquilo que se refere ao seu bem estar ou mal estar, apenas aquilo que afeta seu querer de alguma forma. O que ele conhece é a sua própria Vontade, ora através da dor e sofrimento causado com o que está em desacordo com sua

⁵² CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 114- 115. §3.

⁵³ *Ibidem*. p 125. §3.

Vontade, ora através de prazer ou alívio causado pelo que está em concordância com o seu querer.

Fora a representação, nosso ser enquanto objeto, isto é, nossa aparência, o que encontramos em nós é apenas a Vontade, como a essência mais íntima de nosso ser. Logo, além da Vontade e da Representação não há nada mais que possa ser reconhecido ou pensado, pois nós, assim como tudo, somos constituídos de uma única coisa que pode ser compreendida sob duas maneiras e dois pontos de vistas como duas partes inseparáveis e harmônicas – Vontade e Representação – e nada mais além disso.

Assim, se este ainda deve ser algo mais que mera representação, temos de dizer que, exceto a// representação, portando em si e conforma sua essência mais íntima, ele é aquilo que encontramos imediatamente em nós mesmos como vontade. Digo conforme sua essência mais íntima [...].⁵⁴

3.2 A Vontade como matéria conhecida nos organismos.

A Vontade, enquanto aquele outro lado que constitui o mundo, pode ser percebida na medida em que é objetivada, quando nos é possível compreendê-la enquanto objeto cognoscível ao nosso intelecto. Se tratamos no capítulo anterior desta dissertação sobre o conhecimento a partir do ponto de vista da representação, considerando apenas seu lado aparente, conhecido a partir do princípio de razão, trataremos agora o outro lado dessa representação, buscando entender a Vontade a partir dos corpos na natureza.

Schopenhauer acredita que a harmonia da natureza é possível pela indivisibilidade da Vontade, ela é una e se manifesta na natureza em seus diversos graus de objetivação. Tudo é objetivação da mesma Vontade, desde aqueles que contêm os vestígios menos imperfeitos da mesma até aqueles menos perfeitos. Como força natural, ele vê a Vontade como o núcleo que se encontra em toda natureza, tanto no mundo orgânico quanto no mundo inorgânico, e que é dado de forma imediata ao conhecimento como aparência, para se apoderar da matéria – a objetividade da Vontade mais perfeita surge do triunfo sobre as imperfeitas.

⁵⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 123, § 19.

As Ideias mais perfeitas surgem, pois o triunfo sobre as mais imperfeitas, cuja essência é mantida num modo subordinado; a forma inferior está presente apesar de escravizada. Assim, no organismo, ao lado da forma superior que se objetiva, mantém-se outras Ideias inferiores, manifestando-se em atividades físicas e químicas. A hipótese de conflito explica a tendência da Vontade para graus superiores de objetivação. Ao mesmo tempo a resistência das formas vencidas indica a perpetuação do combate e o caráter provisório da vitória.⁵⁵

A visibilidade da Vontade na natureza se dá através de um combate, para uma objetivação cada vez em um grau mais nítido e perfeito, como no mundo inorgânico, no qual observamos o conflito para se apropriarem da matéria, nas objetividades da Vontade mais perfeitas triunfando sobre as imperfeitas. Podemos entender essa luta pela objetivação da Vontade com ela mesma nos demais organismos, vendo seus corpos em alternância entre saúde e doença, bem estar e mal estar. Neste caso, a saúde e o bem estar se manifestam em sua matéria, em seus corpos, como um domínio sobre as forças químicas e físicas, enquanto a doença e o mal estar se manifestam como a resistência dessas forças a um grau superior da objetivação da vontade. Neste caso, tanto os corpos quanto a doença são manifestações da vontade, lutando entre si, em um embate pela mais perfeita objetivação dela mesma.

É em *Schopenhauer e a questão do dogmatismo* que Cacciola mostra que, embora a Vontade seja una e indivisa na concepção schopenhaueriana, ela está em constante desunião com ela mesma, se mostrando em uma constante luta interna pela mais nítida objetivação. Essa desunião se mostra através da natureza, nos corpos dos seres que estão constantemente em alternância e combate pela objetivação, o que torna possível a multiplicidade de seres se objetivando no mundo. Tudo isso mostra que a Vontade se manifesta de diversas maneiras, embora ela continue sendo uma única coisa.

É essa desunião que torna possível a multiplicidade dos seres. A passagem do uno ao múltiplo pressupõe, portanto, “a desunião essencial da Vontade consigo mesma”. Schopenhauer manifesta neste ponto a sua concordância

⁵⁵ CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 65. §2.

com o dito de Empédocles, citando- o: “Pois se o ódio não dominasse nas coisas tudo seria um”.⁵⁶

Compreendendo que a objetividade se dá de diversas formas e em diversos graus, Schopenhauer entende que nos corpos inorgânicos sua matéria é o que há de essencial e permanente, é o que mantém sua identidade, e sua forma é o inessencial, o que é mutável. Mas, nos corpos orgânicos, acontece o contrário, sua essência consiste na mudança da matéria, a sua forma permanece, ou seja, sua identidade não se modifica. A matéria é o que faz efeito, não é objeto de intuição, mas apenas de pensamento, é uma abstração. Na intuição ela se apresenta apenas se for ligada à forma e à qualidade, como corpo de modo que faz efeito. No entanto, quando a separamos da forma e da qualidade, seu fazer efeito é pensado apenas como acidente e somente através deste é que a matéria pode ser intuída, mostrando-se como objeto de experiência, como um corpo.

A matéria sozinha é o conteúdo da substância, é a causalidade pensada objetivamente no espaço e no tempo. A essência da matéria é fazer efeito, desta forma ela preenche o espaço e permanece no tempo; onde existe o efeito, existe a matéria, e o que é material é o que faz efeito. Essa causalidade aqui exposta é a forma do nosso entendimento, ela é dada a priori na consciência. Ela é a forma da causalidade em nosso entendimento de maneira objetivada – ligada ao espaço e ao tempo. Assim, a matéria é a condição da experiência, sustentando todas as formas e efeitos, nos possibilitando o conhecimento da objetivação da Vontade.

Nos suplementos de *O mundo...*, a matéria é entendida como causalidade objetivada, onde a Vontade se manifesta no fazer efeito nos corpos, é como ela se torna visível no limite do mundo como representação com o mundo como Vontade. No momento em que é parte integrante do intelecto, pertence ao mundo como Vontade, mas, na medida em que se manifesta em todos os seres materiais como aparência da vontade, pertence ao mundo como representação. A Vontade enquanto coisa em si torna-se aparência no momento em que entra nas formas do nosso intelecto de modo a ser conhecida pelo princípio da razão, como visibilidade da Vontade.

⁵⁶ Ibidem. p 66. 23.

Se pudéssemos despir uma dada matéria de todas as propriedades que lhe cabem *a priori*, isto é, de todas as formas de nossa intuição e apreensão; então sobraria a coisa em si, a saber, aquilo que, por meio das formas da nossa intuição, e apreensão, entra em cena como elemento empírico puro na matéria, a qual ela mesma já não apareceria mais como dotada de extensão e fazendo efeito: isto é, não teríamos mais matéria alguma diante de nós, porém a vontade.⁵⁷

Citando Plotino e Giordano Bruno, Schopenhauer afirma que a matéria é incorpórea, pois se não fosse, teria que fazer efeito pela causalidade, ela é um sustentáculo invisível, não é extensa já que o que confere extensão é o espaço. Como à causalidade que prescinde a corporeidade e como o espaço que prescinde da extensão são partes constituintes do entendimento, e este não se aplica à Vontade, chegamos a uma contradição ao considerar a matéria como coisa em si intuída. No entanto, ele explica que a matéria é a Vontade concebida pela nossa intuição, mas não é a Vontade em si mesma, já que está condicionada à intuição, mas ela é a representação objetiva, embora também subjetivamente Vontade.

Assim, PLOTINO e GIORDANO BRUNO teriam razão, não apenas em seu sentido, mas também no nosso, quando enunciaram a paradoxal asserção, mencionada no quarto capítulo, de que a matéria mesma não é extensa, conseqüentemente é incorpórea. Pois o espaço, forma da nossa intuição, é que confere extensão à matéria, e a corporeidade consiste no fazer-efeito, que por sua vez repousa na causalidade, portando, na forma do nosso entendimento. Por outro lado, toda propriedade determinada, logo, todo empírico da matéria, até mesmo a gravidade, repousa sobre aquilo que se torna visível só MEDIANTE a matéria, sobre a coisa em si, a vontade.⁵⁸

Partindo das considerações anteriores, Schopenhauer afirma que os corpos enquanto aqueles que são afetados pelo fazer efeito da causalidade são apenas a visibilidade da Vontade dos seres, eles são a objetividade dela nas formas intuitivas do entendimento – tempo, espaço e causalidade –, assim ela se encontra como objeto material. Segundo ele, é possível representar a forma sem a matéria, mas não a matéria sem a forma, porque a matéria sem a forma seria a

⁵⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 370, § 24.

⁵⁸ Ibidem. p 370-371. §24

vontade em si que não pode ser compreendida sob as formas do entendimento. Para que ela seja compreendida, é preciso que a Vontade seja representada, se tornando objetiva, possibilitando a intuição pelo nosso intelecto, mas isso só é possível quando a matéria obtém a forma. Logo, para o entendimento, matéria e a forma devem estar representadas conjuntamente em uma objetividade da Vontade.

3.3 A Vontade nos corpos animais.

Schopenhauer considera que a natureza é aquilo em que tudo é mais perfeito, ela é obra da Vontade, em que tudo é criado sem o auxílio do intelecto, tudo é impulsionado também por ela, como por exemplo: na procriação, na cura de feridas, no nascimento e conservação dos organismos; nada disso depende da representação para acontecer ou ser criado, dessa representação depende apenas para ser conhecido por um sujeito e assim existir para este. A natureza é idêntica à Vontade.

A Vontade se objetiva na natureza desprovida de conhecimento, ela apenas existe e fundamenta tudo, embora ela mesma seja sem fundamento. A Vontade que encontramos em nosso interior e no interior da natureza não pertence ao conhecimento, não é condicionada pelo cérebro, no entanto, assim como ela é a força originária da natureza, ela também é a força que origina o conhecimento, é ela que o cria, e cria também os corpos animais e os mantém em suas funções conscientes e inconscientes. A natureza se organiza pelo fazer efeito, podemos ver isso na atividade animal que está presente na natureza: estes seres agem, constroem abrigos, casulos, se camuflam sem que tenham a noção da finalidade de tais ações, sem que tenham uma imagem em sua mente, sem um plano da obra que fazem, da finalidade de suas ações, apenas agem. Neste caso, a causa final é um motivo que faz efeito sem que o agente saiba ou conheça o motivo – este fazer efeito é a Vontade.

A espécie animal é a mais fácil de ser compreendida pelo caráter de sua espécie, pela objetivação mais clara da Vontade. Segundo Schopenhauer, quanto mais se afasta da espécie humana, quanto mais descemos no reino animal, mais podemos observar a perda de características individual, ficando cada vez mais presente o caráter da espécie em detrimento do caráter individual. Nos animais não humanos há traços mínimos de sua fisionomia, em sua maioria a objetividade é dominada por características gerais de sua espécie.

O mundo como Vontade se encontra com o mundo como representação a partir do momento em que o animal deixa o ventre ou o ovo e passa a conhecer o mundo como aparência. Para este animal, até então, não havia nenhum conhecimento, o que havia nele era apenas a força da vontade agindo de forma vegetativa. Ele agia por estímulos e sem nenhum conhecimento, planejamento ou noção de finalidade da ação. A partir do momento em que este animal começa a usar o conhecimento e conhecer de fato o mundo como representação, podemos ver a Vontade objetivada nele, nos atos de seu corpo que age agora por motivos, seja para buscar alimentos ou para sua proteção. Desta forma, o conhecimento age como um auxílio para a manutenção e conservação da espécie.

Neste momento, o mundo como Vontade é invadido também pelo mundo como representação. No entanto, os animais ainda estão presos à representação intuitiva, para eles não há razão, mas apenas o conhecimento instintivo do agora, daquilo que se faz necessário para a manutenção de sua espécie naquele momento, pois, por conta da irracionalidade, os animais não planejam ações futuras, não visualizam o que pode vir a ser. Para eles, não há o futuro, eles são incapazes de pensar além do momento vivido, a eles resta apenas o agir naquele momento conforme seus instintos, conforme sua Vontade os guia.

Só que o mundo como representação, em verdade, é apenas a imagem copiada da sua essência, entretanto de natureza por completo diferente e que agora intervém na conexão da natureza da vontade. Doravante cessa a infalível certeza da vontade. Os animais mesmos já estão sujeitos à ilusão, ao engano. Contudo, tem apenas representações intuitivas, não tem conceitos nem reflexão, estão portanto presos ao presente e não podem levar em conta o futuro. – É como se esse conhecimento desprovido de razão não fosse em todos os casos suficientes para os fins da vontade, com que ela casualmente precisou de um auxílio.⁵⁹

Nos animais, o que vemos atuando enquanto estes agem seguindo seus instintos, sem a noção de sua finalidade ou consequências futuras, é a Vontade cega, irracional e sem fundamento. A Vontade não é função do cérebro, mas graças à intuição que acontece no cérebro, ele é objetivada. Ela é exposta no corpo animal como vontade consciente, onde é

⁵⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 175, § 27.

guiada por motivos, diferentemente dos organismos dos graus mais baixos que são guiados apenas por estímulos. A Vontade nos animais é colocada em movimento ou por motivação que vem do mundo ou objetos exteriores a ele, ou por instinto que vem de si mesmo.

Minha doutrina afirma que o corpo todo é a vontade mesma expondo-se na intuição do cérebro, conseguintemente, entrando em suas formas de conhecimento. Daí se segue que a vontade presentifica-se uniformemente no corpo todo; como é demonstrado o caso; pois as funções orgânicas são obras da vontade tanto quanto as funções animais.⁶⁰

De acordo com Schopenhauer, a objetividade da Vontade pode ser percebida não apenas na atuação da Vontade naquelas ações guiadas por motivos, mas também quando ela atua como instinto animal, como um querer infundado, um ímpeto cego, sem considerar o conhecimento como representação. Como, por exemplo, nas ações animais em que podemos observar que o conhecimento é utilizado para praticar ações no presente, assim como a habilidade em buscar ou construir artifícios para sua manutenção de vida. Embora o conhecimento esteja presente, tais ações não são guiadas por ele. Nestes casos, o conhecimento é um instrumento da Vontade para que tal animal possa pôr em prática aquilo que esta mesma Vontade, enquanto instinto cego e inconsciente, atua como uma força volitiva para sua ação naquele determinado momento.

O pássaro de um ano não tem representação alguma dos ovos para o qual constrói um ninho; nem a jovem aranha tem da presa para a qual tece uma teia; nem a formiga-leão da formiga para qual prepara um buraco pela primeira vez; a larva do escaravelho abre na madeira o buraco onde sofrerá a metamorfose e de tal modo que o buraco sairá duas vezes maior no caso da larva tornar-se um besouro macho, em vez de fêmea, pois no primeiro caso deve haver lugar suficiente para suas antenas, da qual ainda não possui representação alguma. Nas ações desses animais, bem como em outras, a vontade é sem dúvida ativa: porém se trata de uma atividade cega, que até é acompanhada de conhecimento, mas não é guiada por ele.⁶¹

⁶⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 303, § 20.

⁶¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 133-134, § 23.

Essas ações animais, que são ações do corpo, embora não sejam a Vontade em si mesma, se identificam com a ela. Na verdade o corpo é objetividade da Vontade, ele é seu aparecer para ele mesmo e para outros, é sua visibilidade. As ações dos animais são o aparecer da Vontade no corpo em ação, sem que ele se torne um objeto, assim como o bem estar e a dor que são sentidas no corpo não são representações, mas afecções imediatas da Vontade. Logo, se o conhecimento da Vontade através dessa visibilidade das ações dos corpos não seja o conhecimento da Vontade em si, esse conhecimento é a forma mais imediata em que podemos conhecê-la, através de sua objetividade, na qual podemos ter acesso de forma adequada.

3.4 A vontade no corpo humano.

No homem é que a Vontade atinge sua objetivação em um grau mais elevado, nele podemos ver que a atuação da Vontade não é guiada apenas pelo conhecimento intuitivo como nos outros animais, vemos também a atuação da vontade guiada pela razão, quando entram em cena as representações abstratas e os conceitos, que utilizam as formas do princípio da razão. Desta forma, no ser humano o seu caráter único da consciência é capaz de refletir sobre o presente, o passado e futuro, enquanto os outros animais irracionais estão sempre presos ao agora, agindo sem essa pretensão de futuro ou mesmo uma noção do que passou e do que poderá vir.

A vontade humana é a mais perfeita dentre as aparências da Vontade, é a mais nítida em objetivação para o conhecimento, que nos conduz ao conhecimento imediato de todos os gêneros da objetividade da Vontade.

[...] se pudesse ser pensada objetivamente, teria de emprestar nome e conceito de um objeto, // de algo dado de certa forma, por consequência de suas aparências; esta, contudo, em apoio à compreensão, não poderia ser outra coisa senão a mais perfeita dentre suas aparências, isto é, a mais nítida, a mais desenvolvida, imediatamente iluminada pelo conhecimento: exatamente a VONTADE humana.⁶²

⁶² SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 129, § 22.

A partir desta possibilidade de ações calculadas é perdida a segurança da exteriorização da Vontade, pois com a possibilidade de reflexão e planejamento provenientes da razão, entram em cena também as incertezas, na medida em que “o erro pode falsear as suas exteriorizações, na medida em que motivos ilusórios, agindo como se fossem reais, ocupam o lugar dos motivos reais e os suprimem”⁶³ e na medida em que o homem começa a construir em sua mente inúmeras possibilidades de ações e consequências possíveis a partir delas. O que não acontece com os seres sem a razão para guiar sua vontade, pois estes agem cegamente conforme seu querer, de forma instintiva. Com o ser humano, esse instinto é muitas vezes suprimido pela antevisão de possibilidades e consequências dos atos, pelo medo e pela incerteza, e sofre constantemente tentativas de domínio por parte da razão.

Barboza mostra que o que há em comum entre os outros animais e o homem é a motivação intuitiva e, embora exista a diferença da atuação da Vontade entre o conhecimento humano e o conhecimento animal, o corpo humano é equivalente aos outros corpos. Como representação, o corpo humano está também submetido ao princípio de razão, sendo que a única diferença entre a essência do corpo humano para os corpos animais é a causalidade que, mesmo os dois sendo submetidos a ela, no homem ela atua como motivação abstrata, guiada pela razão e por conceitos. Por isso, ele é capaz de refletir sobre a causalidade e analisá-la, ele tem a consciência e entende que ela é em seu íntimo, a Vontade – como o que constitui seu corpo e os corpos animais.

Ora, se os outros corpos não diferem do nosso, já que também obedecem à causalidade, são aparências submetidas a uma mesma lei, podem, por analogia, ser “observados” de dentro; é como se todos os homens tivessem a capacidade de penetrar secretamente, por traição, uma fortaleza proibida. Ou seja, o homem pode observar, em seu corpo, o íntimo da causalidade, a vontade e, em seguida, por analogia, concluir que ela é o núcleo de qualquer outra causalidade, isto é, de qualquer outro corpo, aparência, fenômeno.⁶⁴

Schopenhauer mostra que, embora a natureza da Vontade sem fundamento seja livre e independente, no ser humano, onde sua aparência percebida através dos atos humanos não é

⁶³ Ibidem. p 177. §27.

⁶⁴ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna 1997. p.48.

livre, já que está submetida pela causalidade e pelo princípio de razão, este princípio é a forma universal de toda aparência. Mesmo que a aparência da Vontade nos homens seja condicionada ao princípio de razão, a Vontade no ser humano atua cegamente de diferentes formas, e isso acontece em todas as funções de seu corpo. Estas não são guiadas pelo conhecimento, por representações abstratas, são ações inconscientes em todo seu processo biológico, como na digestão, na respiração, na circulação sanguínea, no crescimento, entre outras. Até mesmo o próprio corpo é também aparência da Vontade, onde esta atua por estímulos.

Do mesmo modo que podemos conhecer o corpo em ação como vontade e também como um objeto entre outros, é possível ter acesso à nossa vontade, seja imediatamente na consciência de si, seja mediatamente através dos objetos a que ela tende. Só na consciência de si é que se chega ao conhecimento da vontade como essência humana, e é esse conhecimento que torna possível a consideração do mundo como Vontade ou do ponto de vista (*Standpunkt*) da Vontade como impulso cego.⁶⁵

Cacciola salienta o dinamismo que Schopenhauer confere ao querer quando ele afirma que o sujeito só é conhecido como um ser que quer, estabelecendo uma relação causal entre o querer e o corpo, onde o corpo obedece à Vontade. Essa vontade que constitui o sujeito como um ser que quer, só é fonte de dor e sofrimento quando é objetivada no corpo. Somente quando a Vontade é mediatizada pelo corpo, ele se torna esse sujeito do querer. O corpo inteiro não é nada mais do que Vontade objetivada, tanto nos atos motivados por algum estímulo, quanto nos atos involuntários. O ato da Vontade e a ação do corpo são a mesma coisa, visto de pontos de vista diferentes, ora dado imediatamente quando o indivíduo e seu corpo querem o ato, e ora dado na intuição do entendimento, quando o indivíduo percebe o ato como um movimento do corpo. Assim, a ação do corpo é o ato da Vontade que aparece na intuição de forma objetivada.

Se como representação o corpo era chamado de objeto imediato, como Vontade o corpo é chamado de objetividade da Vontade. Os atos da Vontade são aqueles que são sentidos no corpo, são atos também do corpo e em correspondência toda ação do corpo e toda ação

⁶⁵ CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 126. §3.

sentida no corpo correspondem ao fato da contrariedade da Vontade – sentida como dor e insatisfação – ou ao atendimento à Vontade –, causando sentimento de prazer e bem-estar. Esses sentimentos de dor e prazer são afecções sentidas pela aparência da Vontade, o corpo. O conhecimento da minha Vontade é inseparável do conhecimento do meu corpo. Este conhecimento que tenho da minha vontade não é total, eu apenas a conheço em seus atos isolados, na forma em que ela aparece e é apreendida pelo meu corpo. Este é a condição de conhecimento da minha vontade, meu corpo e minha vontade são uma única coisa, ele é objetividade da Vontade.

Na consciência de cada um existe algo que diferencia a representação do próprio corpo de todas as outras representações – assim como ele também é representação –, e este algo diferencial é a Vontade. Esse conhecimento que tenho do meu corpo é duplo, é como aquele que faz efeito e se movimenta por algum motivo, e também como aquele que sofre a ação exterior a ele. Para o indivíduo que conhece, seu corpo tem uma dupla significação: ele é Representação e também é Vontade. No entanto, se este indivíduo abstrai a dupla significação do corpo, sobra apenas o corpo como representação para outro indivíduo que o reconhece, passando a ser uma representação como as demais, um mero objeto a ser conhecido por um sujeito.

Schopenhauer acredita que, através dos movimentos voluntários do corpo fundamentados por algo exterior a ele, a Vontade dá sinal de si, e é possível conhecer estes sinais no corpo enquanto este é objeto, ou seja, representação. No entanto, através dos movimentos corporais, tenho também conhecimento da Vontade, não como um conhecimento da minha vontade em sua totalidade, mas é apenas o conhecimento do meu querer em um determinado tempo e em um determinado espaço e sob tais circunstâncias. Desta maneira, é possível entender que a essência de todo o meu querer não pode ser elucidada por motivos, pois estes elucidam apenas a ocasião em que a Vontade está fora do domínio da motivação, considerando que ela é sem fundamento e somente a aparência da Vontade é determinada pela lei da motivação.

Assim, só ao fazer a pressuposição do meu caráter empírico é que o motivo é fundamento suficiente de explanação do meu agir: se, contudo, abstraio o meu caráter e pergunto porque em geral quero isso e não aquilo, então resposta alguma é possível, justamente porque a APARÊNCIA da vontade

está submetida ao princípio de razão, não a vontade mesma que, nesse sentido é para ser denominada SEM FUNDAMENTO.⁶⁶

O corpo é a própria vontade do indivíduo, é a Vontade que aparece sob a forma de representação. Toda ação do corpo afeta diretamente a Vontade e é também provocado por ela, pois todo afeto ou paixão é como um movimento da Vontade que abala o corpo. Embora a ela, enquanto coisa em si, seja a essência do homem, esta essência é sem consciência, pois pertence ao intelecto que por si é uma função do cérebro que pertence ao corpo.

Os membros do organismo tanto imediatamente objetos de sensação quanto intuídos por meio dos sentidos só o são no// cérebro. – Correspondentemente, pode-se dizer: o intelecto é o fenômeno secundário, enquanto o organismo é fenômeno primário da vontade, vale dizer, o seu aparecimento imediato; - a vontade é metafísica, o intelecto, físico; - o intelecto é, como seis objetos, simples aparência; coisa em si é unicamente vontade; - num sentido cada vez mais FIGURADO, portanto, metafórico, pode-se dizer: a vontade é a matéria, o intelecto, a forma; - a vontade é o calor, o intelecto, a luz.⁶⁷

Enquanto as resoluções sobre os atos são originadas no intelecto, o agir é a verdadeira Vontade; enquanto o primeiro tem seu lugar apenas no cérebro que planeja como e quando agir, o segundo é o verdadeiro querer, ele é certo, age imediatamente. Todos os corpos são determinados pela corrente sanguínea que os alimenta de uma ponta à outra. A partir do cérebro, todas as partes do organismo são alimentadas e derivam todos os órgãos para regular as funções destes, surgem o sistema nervoso que ordena e guia os membros corporais. O sistema cerebral é aquele que relaciona o corpo com o mundo exterior. A partir de tais considerações, Schopenhauer chega à conclusão que a Vontade é objetivada mais imediatamente no sangue, pois é ele que cria a forma e o organismo do corpo, completando-o e conservando-o.

⁶⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 124, § 20.

⁶⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 243-244, § 19.

Para a vida individualizada e permanência no mundo exterior, a vontade precisa, porém, de dois sistemas auxiliares: a saber, UM para guiar e regular as próprias atividades interior e exterior, e um OUTRO para a contínuo renovação da massa sanguínea; logo, um sistema que dirija e outro que mantenha. Daí a vontade criar pra si os sistemas nervoso e intestinal: logo, às *functiones vitales*, que são as mais originárias e essenciais, associam-se subsidiariamente as *functiones animales* e as *functiones naturales*.⁶⁸

No sistema nervoso, a Vontade se objetiva na medida em que este sistema entra em cena como mero órgão auxiliar, da forma em que a Vontade conhece aquilo que o instiga em partes interiores e exteriores. A partir destas, há ações exteriorizadas da Vontade. Os nervos levam o resultado da função cerebral ao músculo, que se movimenta segundo a irritabilidade que é aparência imediata da Vontade. Todos os outros movimentos involuntários dos corpos são, nas palavras de Schopenhauer, uma “rebelião dos nervos dos membros contra a soberania do cérebro”⁶⁹; são movimentos involuntários que não partem do cérebro, não acontecem por motivos e sim por estímulos. O que os movimenta é a Vontade sem fundamento, que apenas quer. O sistema nervoso seria como um órgão auxiliar da Vontade, onde esta se objetiva de forma secundária.

O intelecto, fisiologicamente, é visto como a função de um órgão do corpo (cérebro), metafisicamente ele é uma obra da Vontade e sua visibilidade é o corpo todo.

Logo, a vontade de CONHECER, objetivamente intuída, é o cérebro; assim como a vontade de ANDAR, objetivamente intuída, é o pé; a vontade de AGARRAR, a mão; a vontade de DIGERIR, o estômago; de PROCRIAR, os genitais, e assim por diante. Toda essa objetivação existe em última instância só para o cérebro, como sua intuição: nesta, a vontade expõe-se como corpo orgânico.⁷⁰

⁶⁸ Ibidem. p 309. §20.

⁶⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 311, § 20.

⁷⁰ Ibidem. p 313. §20.

Logo, o cérebro, é visto como parte do corpo que é representação para o intelecto de outro sujeito, mas quando ele é aquilo que conhece e é uma parte ativa, ou seja, é ele quem representa, ele é a Vontade. Assim, o corpo é a Vontade corporificada e, enquanto intelecto, é mera função cerebral, é secundário. O corpo me é dado de forma imediata através de sua ação proferida como ação muscular. A dor ou prazer são sentidos como atos imediatos da Vontade.

Considerando que o organismo é objetivação da Vontade, e o cérebro como parte deste também faz parte desta objetivação, percebe-se que na teoria schopenhaueriana cada afecção do organismo afeta a Vontade diretamente – contanto que ele é visibilidade dela –, esta afecção é sentida como dolorosa ou agradável na medida em que está em desacordo ou acordo com a vontade. No entanto, os órgãos sensoriais, isto é, órgãos objetivos, têm suas afecções próprias, que são sentidas sem afetar diretamente e imediatamente a Vontade, são meramente percebidos, sendo a Vontade indiferente, o que resulta das representações exteriores, que depois se tornam intuições abstratas, formuladas pela razão e que constroem a partir destas conceitos e pensamentos. São decisões que dizem respeito a um querer para o futuro, um planejamento, são “ponderações da razão sobre o que vai querer um dia”⁷¹ e não um ato da Vontade. Da razão segue-se apenas um plano que pode ser modificado, capacidade que pertence apenas aos homens e não aos demais animais, como já tratamos anteriormente.

3.5 O corpo como instrumento de conhecimento da vontade.

Se o mundo como representação pode ser conhecido por um sujeito, através de seu entendimento, utilizando o princípio de razão, vimos que a Vontade não obedece às leis deste princípio, logo, não pode ser apreendida pelo entendimento, como a classe das representações. Entende-se, então, que o mundo como Vontade deve estar excluído desta forma de conhecimento, levando Schopenhauer a buscar a chave para o conhecimento do outro lado do mundo conhecido como Vontade, daquele que, embora não seja a representação, mas que está na essência dela, está fora dos princípios de conhecimento que regem o mundo como representação.

Schopenhauer defende que a chave para o conhecimento da essência de tudo é o reconhecimento de que a Vontade, enquanto substrato, não pode ser conhecida de forma

⁷¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 117, § 18.

completa, em sua totalidade, mas apenas em partes e atos isolados do indivíduo que manifesta a Vontade através de seu corpo. A Vontade não é apenas a essência das representações, parecidas com o corpo do indivíduo, ela é a essência íntima de toda a natureza, nos animais e nos homens, no mundo vegetal e mineral, nas manifestações físicas e químicas. Devemos observar que todas essas manifestações da Vontade são diferentes apenas no que dizem respeito a sua aparência, pois sua essência, quando reconhecida como Vontade, é a mesma. Mas como no corpo humano ela é manifesta de forma mais nítida, devido a sua individualidade, ele é considerado o ponto chave para o conhecimento da Vontade, pois é nele que podemos observar sua objetivação de forma mais clara e próxima de sua realidade.

Em *O mundo...*, Schopenhauer mostra que a busca pela significação do mundo, ou seja, o mundo além daquele conhecido como representação nunca seria possível se o investigador não fosse um puro sujeito de conhecimento, sem considerar o seu corpo como objeto entre outros no mundo como representação. No entanto, esse sujeito investigador se encontra enraizado neste mundo, através de seu corpo que é a fonte de toda intuição. Neste mundo em que ele é o sustentáculo – pelo seu conhecimento – ele é indivíduo e não um sujeito puro de conhecer, livre da individuação.

Para o puro sujeito, seu corpo deve ser um mero objeto entre tantos outros objetos, apenas mais uma representação. Então, a partir de tais considerações, o filósofo argumenta contra o que ele chama de “egoísmo teórico”, ou seja, o ato de considerar apenas o corpo do indivíduo como aparência da Vontade e que as demais representações não sejam, mostrando que, por isso, a filosofia se faz necessária para a ampliação dos limites do conhecimento, ultrapassando as suas fronteiras.

Na verdade, fora o corpo do indivíduo, todas as outras coisas existentes só podem ser consideradas por ele como representação, pois o sujeito tem conhecimento da Vontade apenas pelo seu corpo. No ser humano, o mais alto grau de objetivação da Vontade se manifesta aparecendo como individualidade, através das características individuais, isto é, como personalidade, fisionomia e traços físicos de cada sujeito através de seu corpo.

Assim, compreender o em si do mundo é compreender o mundo a partir de nós mesmos, através do nosso querer que é imediatamente conhecido por nós pelo que sentimos em nosso corpo. Entretanto, esse conhecimento interno do em si que o indivíduo, enquanto

sujeito de conhecer, tem, não é um conhecimento total, ele é turvado, pois embora seu querer apareça livre das determinações do espaço e causalidade, ele ainda está submetido ao tempo, onde cada sujeito conhece sua vontade apenas em seus atos isolados e não na sua totalidade. O mais próximo e distinto aparecimento da coisa em si é este que ele conhece, em um determinado ato e em um determinado instante, em um conhecimento mais imediato da Vontade.

Segundo Cacciola, para Schopenhauer, partindo do conhecimento que existe em nós, do que se passa na atividade do meu corpo, é que eu consigo entender sobre a essência dos demais corpos, fazendo uma analogia com a minha vontade que se manifesta em meu corpo. Neste caso, a Vontade como coisa em si é análoga à vontade humana. Esta última é o fenômeno da Vontade. O sujeito do querer é objeto para o sujeito do conhecer; o conhecimento é inseparável do “eu”, ou seja, o conhecimento da Vontade é inseparável do conhecimento do meu corpo.

A consciência de si é, pois, consciência da vontade própria de cada um, contendo essa vontade em suas diversas manifestações, ou seja, paixões e afetos que traduzem os movimentos da vontade, “o seu querer e não querer alternantes”. Esse único objeto da consciência de si já está relacionado com os objetos exteriores a nós e não mais pertence à consciência imediata, cuja delimitação está na consciência de outras coisas. A consciência de si, separada dos objetos exteriores que movem a vontade, seria uma vontade excluída do mundo, encerrada no “interior sombrio” dela mesma.⁷²

O conhecimento do nosso querer é a chave para o conhecimento da Vontade, que é a essência de tudo, é o outro lado do mundo além do mundo como representação. A Vontade é metafísica, é infatigável, sua atividade é a sua essência, ela jamais cessa de querer, pois, ao contrário do intelecto – que é uma função do corpo –, o corpo é a função da Vontade. Podemos perceber a identidade do corpo com a Vontade em suas ações isoladas, que são os atos mais imediatos da Vontade. Esse conhecimento é a consciência de si, o conhecimento que o sujeito tem de seu corpo e os atos dele, como conhecimento imediato de sua Vontade. Desta forma, existe a intelecção para aquele que observa a Vontade. É a intelecção de que seu

⁷² CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 124. §3.

corpo é a aparência externa de seu querer, é a sua Vontade mesma sob a forma de representação.

Através de sua reflexão filosófica, o homem percebe que existe um espanto com nossa própria ação corporal, ao considerá-la em uma ação não causal com nossa Vontade, pois, tanto a ação corporal, quanto a Vontade são idênticas, a diferença é apenas aparente, ou seja, é a mesma coisa percebida de formas diferentes pelo conhecimento interior – Vontade – e exterior – Representação.

Nos suplementos de *O mundo...*, Schopenhauer admite que cada indivíduo conhece a sua Vontade apenas na consciência de si; ele só conhece sua própria vontade e todas as outras coisas que conhece são em relação a seu ser. Considerando que este conhecimento se dá no cérebro, e que na medida em que o cérebro é o que conhece, mas nunca é conhecido por ele mesmo, o filósofo afirma que o cérebro é conhecido apenas objetivamente por um outro sujeito exterior a este cérebro; ele é conhecido como objetivação da Vontade. Desta forma, todo conhecimento passa pela Vontade e retorna a ela, é sempre um conhecimento da Vontade. O que se torna conhecido é o que se torna representação, em outras palavras, é a Vontade tornada objeto, é o corpo que existe como algo que se movimenta no tempo e é extenso no espaço, por intermédio das funções do cérebro e apenas nele.

Entretanto, o que conhece e possui as representações também é o cérebro, ele conhece as representações como objetivação da Vontade e não conhece a si mesmo, mas ele se torna consciência de si apenas pelo intelecto, “como algo que conhece”⁷³. O cérebro, quando visto de dentro, é faculdade de conhecimento, mas quando visto de fora, ele é objetivação da Vontade, é o querer conhecer esta objetividade nele.

O que quando visto de dentro é faculdade de conhecimento, é, quando visto de fora, cérebro. Esse cérebro é uma parte justamente daquele corpo, porque o cérebro mesmo pertence à objetivação da VONTADE, ou seja, o QUERER-CONHECER desta, a sua orientação para o mundo exterior está nele objetivada. Nesse sentido, o cérebro, portanto, o intelecto, é imediatamente condicionado pelo corpo, e este por sua vez pelo cérebro. – contudo, o corpo é condicionado pelo cérebro apenas mediatamente, a saber,

⁷³ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015.p. 314, § 20.

como algo espacial e corpóreo, no mundo da intuição, não em si mesmo, isto é, como vontade.⁷⁴

Antes, o foco da atividade cerebral era simplesmente conhecer, enquanto sujeito espectador e conhecedor das coisas de forma puramente objetiva. Porém, quando este sujeito se dirige para seu interior, “reconhece como base da sua própria aparência a Vontade e, portanto converge com esta na consciência de um eu”.⁷⁵ Schopenhauer aponta sua percepção de que o cérebro que, pertencente ao corpo e às resoluções cerebrais, tem sempre o perigo da falibilidade, pois suas ações podem mudar, podem não atender à expectativa do intelecto. No entanto, a verdadeira Vontade nunca falha, já que ela não atende a nenhum plano, ela é ativa na ação real, não obedece a motivos, pois, enquanto os motivos pertencem e nascem no cérebro e sempre tentam determinar a Vontade, criando motivos como representações que têm sua origem nos órgãos sensoriais, que os transformam em motivos e conceitos, tentando dar sentido à Vontade, esta mesma obedece apenas a ela e nunca a qualquer motivação exterior, por seu caráter sem fundamento e irracional; ela apenas age segundo ela mesma, sem planos, estímulos ou motivos, já que estes também são Vontade.

As decisões, no que dizem respeito a um querer para o futuro, são “ponderações da razão sobre o que vai querer um dia”⁷⁶ e não um ato da Vontade mesma. Dela segue-se apenas um plano que pode ser modificado e que é proveniente da abstração. Assim, podemos perceber a Vontade sob duas formas, uma em que ela é cega como um querer sem fundamento, sem planos e que não obedece ao princípio da razão, mas também é certa e nunca falha, ela apenas quer e o não atendimento a este querer gera dor, angústia e sofrimento; e outra em que ela é iluminada pelo conhecimento, submetida ao princípio de razão, como uma representação, guiada por motivos, planejamento e com possibilidade de falhar em sua ação.

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ Ibidem. p 313. §22.

⁷⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013.p. 117, § 18.

De acordo com Barboza, a visão do corpo subjetivamente nos leva ao núcleo de outros corpos no geral, que assim como nosso corpo, tem também aquilo que aparece na consciência de si de cada um como Vontade, sentida no corpo e se manifestando nas ações deste.

Ora, é justamente esse querer que fornece a cada um “a chave de seu próprio fenômeno, manifesta-lhe o sentido, mostra-lhe a mola íntima de seu ser, de seu agir e de seus movimentos”. Desse modo, há um amálgama entre o corpo humano, seus movimentos, e a vontade. Quando se *quer* agir, esse *querer* desperta um movimento.⁷⁷

O ato de querer e a ação do corpo atendendo a este querer são uma única coisa: é a Vontade traduzida em impulsos que geram movimentos aos corpos sendo uma única e mesma coisa, sentida em momentos distintos. Primeiro sentimos imediatamente a vontade e em um segundo momento sentimos e percebemos a ação corporal que é a objetivação da Vontade mesma. Deste modo, Schopenhauer mostra que no interior do nosso corpo há um sentimento que não segue as regras do princípio de razão, que, por intuição imediata, nos fornece pela autoconsciência o ponto crucial para a compreensão de nossa essência e, também por analogia, a compreensão da essência de outros corpos. Como destaca Cacciola:

Portanto, é só como corpo que o sujeito do conhecimento “enraíza-se” no mundo e torna-se um indivíduo. São as afecções deste corpo que permitem a intuição do mundo pelo entendimento e, portanto, o conhecer. O corpo é, pois o objeto imediato em relação ao mundo como representação e, também, objeto mediato, quando faz parte deste mundo e nele se conhece.⁷⁸

Barboza salienta que, segundo Schopenhauer, a autoconsciência ou a consciência de si é o querer unido ao conhecimento, que aparece na união entre o que conhece e o que é conhecido. O homem tem consciência de si como querer imediatamente e também tem consciência de si como corpo, como objeto, assim como os demais objetos.

No centro da consciência se encontra o eu. Na verdade, o eu significa o querer unido ao conhecimento, ele é uma espécie de privilegiado ponto de

⁷⁷ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna 1997. p.46-47

⁷⁸ CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 38. §1.

encontro entre o conhecedor e o conhecido. O ser humano tem consciência de si mesmo como desejo, querer e, por outro lado, como corpo, movimento, representação igual às demais.⁷⁹

Segundo Cacciola, Schopenhauer sempre se preocupara em deixar clara sua visão sobre a metafísica kantiana, apontando que o erro de Kant foi abandonar a experiência, isto é, abandonar a representação como fonte da metafísica. Para o autor de *O mundo...*, a experiência tem um caráter imediato e, para ir do imediatismo da representação que existe apenas para o entendimento do sujeito para o conhecimento do mundo, é preciso chegar a um ponto chave que entrelace a experiência externa com a interna. Este ponto é a experiência que cada um tem através de seu corpo, ou seja, sem o conhecimento do corpo e a aceitação deste como ponto de partida para o conhecimento de tudo, não só do mundo como representação, mas também do mundo como Vontade, jamais chegaríamos a conhecimento algum, seríamos seres perdidos em um mundo estranho a nossa consciência.

Enquanto aquilo que é imediatamente conhecido, além de ser condição de possibilidade do conhecer, o corpo é a chave para descobrir o significado do mundo. Condição, portanto, da experiência externa e objeto imediato da interna, ela é o “ponto certo” do entrelaçamento delas, o lugar privilegiado que permite desvendar o sentido da experiência a partir dela própria.⁸⁰

Em *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, Cacciola destaca que a coisa em si nunca pode ser conhecida da mesma forma e pelo mesmo caminho que conhecemos as representações, até porque ela não é o mesmo que a representação, embora esteja ligada a ela de forma incondicional. As representações têm sua origem no sujeito e para que se possa chegar ao em si é preciso que se parta daquilo que é representado e não do que representa, sendo possível chegar ao outro lado dos fenômenos a partir de um único ponto: o corpo. Este se mostra sob dois pontos de vista concomitantemente.

Portanto, o eu, para Schopenhauer, só é pensável na identidade entre sujeito de conhecer e o corpo, sujeito do querer. O corpo, como vimos, pode ser conhecido de dois modos totalmente diferentes: como representação na

⁷⁹ BARBOZA, J. *Schopenhauer: A Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Editora Moderna 1997. p.47.

⁸⁰ CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 41. §1.

intuição do entendimento, como objeto entre objetos e “concomitantemente de um modo bem diferente, a saber, como o *conhecido* imediatamente por todos, o que a palavra vontade indica”.⁸¹

Assim, é possível compreender essa dupla significação do corpo, da mesma forma como sua dupla função, mostrando que este pode ser compreendido sob dois pontos de vista, como mundo objetivo, ou seja, representação e como autoconsciência, isto é, Vontade.

É partir do conhecimento que se passa em nós, quando nosso corpo está em atividade, que se torna possível chegar a uma intelecção (*ein Einsicht erhalten*) de qual é a essência dos outros corpos sem vida que mudam por causas exteriores. Para chegar ao “infundado” que está sob as relações entre as representações, é preciso ultrapassar a etiologia, chegando à filosofia. Isto só é possível porque o sujeito do conhecimento é também um corpo; assim a condição de possibilidade da filosofia é o conhecimento do corpo, como sendo “o único objeto do qual não conheço apenas um lado, o da Representação, mas também o segundo que se chama Vontade”.⁸²

Só a Vontade pode explicar o mundo, pois o mundo mesmo é Vontade enquanto se manifesta. Ela só pode ser conhecida em seus atos isolados através do corpo e não totalmente. O corpo é a condição de conhecimento da Vontade e conseqüentemente o conhecimento do mundo. Cacciola, em seus escritos, contribui muito para a compreensão da explicação schopenhaueriana sobre o papel crucial do corpo como instrumento de conhecimento do mundo como Vontade.

Para Schopenhauer, o desconhecido que habita o homem é a mola de seu conhecer. O sujeito do querer, tornando-se objeto para o sujeito do conhecer e identificando-se com ele é, ao mesmo tempo, condição de possibilidade de conhecimento. O corpo nos seus atos de vontade é o lugar do desvendamento do enigma do mundo, embora tal conhecimento nunca se dê completamente,

⁸¹ Ibidem.

⁸² CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p 57. §1.

já que o corpo não pode ser conhecido na sua totalidade, de uma só vez, mas apenas *a posteriori*, a partir de seus atos sucessivos no tempo.⁸³

Reconhecendo nosso corpo em cada atividade sua como manifestação da Vontade e fazendo uma analogia dos outros corpos com o meu próprio corpo, é possível conhecê-los em sua essência mais íntima, considerando que a Vontade que está em mim é a mesma que está em outros corpos, assim como a Vontade que é a que constitui o mundo.

Sendo a Vontade sustentáculo da essência de meu ser e dos outros, assim como a essência do mundo, uma mesma e única Vontade, posso chegar à conclusão que conheço o mundo como Vontade, assim como conheço a Vontade que se objetiva em meu corpo e suas ações, pois todas são uma única e mesma coisa. Sem a consciência filosófica que permite ao homem perceber essa dupla significação do mundo e compará-la ao seu corpo, assim como aos demais, entendendo que seu corpo é o ponto chave para o conhecimento da Vontade, o enigma do mundo nunca seria decifrado e nunca conheceríamos o mundo em sua totalidade, considerando que, por um ponto de vista, ela é Representação e, por outro, é Vontade.

⁸³ Ibidem. p 138. §3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos por meio deste trabalho, que Schopenhauer compõe um estudo metafísico completo em sua obra capital sob o título: *O mundo como vontade e representação*, mostrando a constituição do mundo, tanto em seu lado aparente, quanto no lado que o completa, o mundo em si, que não está compreendido sob o conhecimento a posteriori. Em uma clara alusão a Kant, o filósofo de Danzig procura mostrar que sua teoria o influenciou diretamente, ao retomar sua metafísica e teoria do conhecimento utilizando os temas *coisa em si* e *fenômeno*. Em sua releitura, Schopenhauer demonstra esta inspiração kantiana, mas também deixa claro que sua filosofia busca apenas uma interpretação desta, como uma forma de continuá-la e completá-la, apontando pontos em concordância e outras soluções alternativas às dadas por Kant, solucionando problemas que não foram resolvidos pelo kantismo.

Para isso, percebemos que Schopenhauer, ao analisar o mundo, conclui que este é constituído de duas partes diferentes, mas que se complementam: de um lado, o mundo é a representação, correspondente à coisa em si kantiana e, do outro lado, ele é Vontade, correspondente à coisa em si da mesma teoria. Desta forma, em *O mundo...*, o filósofo mostra que deste mundo que conhecemos através de nossos sentidos, conhecemos na verdade apenas sua representação e não ele mesmo. Este mundo como representação existe a partir do momento em que existe um sujeito que possa percebê-lo e só existe para este sujeito, que, através de sua intuição, percebe este mundo e todas as representações. Sendo assim, compreendemos que a representação é formada pela união de sujeito conhecedor e objeto conhecido, onde um existe em relação a outro.

Assim, este mundo como representação aparece para o sujeito como uma realidade turvada pelo princípio de razão, pelo que Schopenhauer chama de Véu de Maya, um manto translúcido que deixa transparecer apenas uma parte da realidade. Desta forma, o sujeito compreende a representação, ela é uma aparência da realidade, ou seja, a aparência da Vontade que aparece para nós de forma incompleta, passando pelo filtro do princípio da razão. Portanto, esse mundo que conhecemos como representação é somente aquilo que aparece para nós como sujeito que intui através de sua experiência, e existe apenas por causa dele. Logo, o mundo sem um sujeito que o perceba não existe como representação, e um

sujeito também não tem razão de existir sem que haja algo a conhecer como seu objeto. Um está interligado ao outro, são necessários para ambas às existências.

Em relação ao outro lado do mundo, tratado por Schopenhauer como Vontade, vimos que este seria o em si do mundo, ao qual não temos acesso por meio das representações, pois o mesmo não é uma representação, não obedece ao princípio de razão, logo não o conhecemos por meio das intuições. A Vontade é tratada pelo filósofo como o substrato do mundo, como aquilo que permeia a realidade de todas as coisas, dos seres e corpos. Assim, a Vontade é a coisa em si, é um querer sem fundamento que não segue as regras do princípio de razão. A Vontade está em tudo, ela é o sustentáculo do mundo, ela é um querer incessante, é eterna e irracional, não é condicionada a nada e nem causada por nada. Na verdade, ela é a causa de todas as coisas. A Vontade é una e completa nela mesma, e não necessita de mais nada para ser, pois ela é o próprio ser das coisas.

Após a explanação sobre os principais pontos para o entendimento sobre a Vontade e a Representação que se fazem necessários para o entendimento das considerações dos capítulos posteriores, chegamos ao ponto principal deste trabalho: o papel do corpo para o conhecimento do mundo tanto como representação quanto como Vontade. Demonstrando que este se faz extremamente relevante para a construção da teoria do conhecimento metafísico de Schopenhauer, assim como o corpo também tem o papel de edificar sua metafísica resolvendo problemas demonstrados por Kant que não foram resolvidos, como a possibilidade de conhecimento do mundo além do mundo fenomênico, apresentando um conhecimento diverso daquele conhecimento das representações.

No segundo capítulo desta dissertação expusemos os pontos principais do conhecimento das representações, mostrando como o corpo está diretamente ligado a este conhecimento. Foi possível perceber que a existência de um mundo inteiro depende de um primeiro olho que possa se abrir e percebê-lo, ou seja, o mundo como representação necessita de um intermediador para que o sujeito o conceba, o corpo. Então, o mundo aparente é formado pelo intelecto de um sujeito que, com sua função cerebral, conhece um objeto que tem como base sua matéria e é extenso no espaço. Logo, entendemos que o mundo aparente só existe em relação a um sujeito enquanto também é mister entender que sujeito e objeto não são a causa um do outro, o que há é uma relação em que um é correlato do outro, só há a existência de um objeto em relação a um sujeito e vice-versa.

Ao analisar o conhecimento das representações de acordo com Schopenhauer, entendemos que o sujeito é aquele que conhece tudo, mas não é conhecido, pois o mesmo não faz parte das representações; ele não pode ser conhecido pelas suas regras, está fora das leis do princípio de razão. Para haver conhecimento de um objeto é preciso um distanciamento deste, o sujeito conhece dentro de uma distância necessária do objeto, observando-o e conhecendo-o através de um processo de diferenciação dos demais objetos. Por isso, o sujeito não é conhecido, pois não há distanciamento necessário para tal conhecimento; só conhecemos pelo princípio de razão os objetos exteriores a nós. No entanto, existe um instrumento que permite o conhecimento tanto dos objetos exteriores ao sujeito quanto do próprio sujeito: este instrumento é o corpo. Através do meu corpo conheço os objetos exteriores a mim por um processo de diferenciação. Pelo meu corpo conheço também minha própria aparência, primeiro como o objeto imediato que me permite ter acesso às representações intuitivas, e depois como objeto mediato que está em meio às demais representações a serem conhecidas. Através dessas representações imediatas pelas quais meu corpo é o objeto intermediador, também chego às representações abstratas, àquelas que pertencem somente aos homens, somente à racionalidade e que são derivadas das representações intuitivas. Elas são como “representação das representações”, uma tentativa de racionalizar e conceituar o mundo como representação.

Podemos ver também que Schopenhauer considera como sujeito todo aquele que tenha entendimento, pois este tem a função de conhecer a causalidade. Então, todo animal possui este entendimento, todos percebem a causalidade a partir de seu corpo. A relação do corpo com o entendimento é de dependência. A intuição percebida nos corpos animais, que são objetos imediatos, capta os dados para a intuição e os leva até ao entendimento, conhecendo os objetos exteriores a eles. Desta forma, o corpo seria o ponto de partida para o entendimento, pois o sujeito conhece por um processo de diferenciação de si pelo seu corpo, conhecendo os demais objetos em relação a ele, que também é um objeto entre os demais. Vimos que Schopenhauer considera o corpo como um objeto imediato, uma representação que serve como ponto de partida para a causalidade, que fornece os primeiros dados para o conhecimento das representações, conhecendo os efeitos da Vontade pelo corpo, pela sensibilidade deste.

Assim, se o corpo fornece conhecimento a partir das sensações percebidas, ele é objeto imediato, mas quando ele é objeto conhecido é objeto mediato, é mais uma representação a ser conhecida, que está submetida ao princípio de razão, sujeita às formas do entendimento, ou seja, ao espaço, tempo e causalidade. O corpo pode se tornar objeto mediato e ser conhecido através da razão humana, que consegue o distanciamento de seu corpo de forma suficiente para que possa observá-lo e percebê-lo como mais um objeto entre tantos, tomando-o em uma percepção reflexiva. Desta maneira o corpo acaba sendo o ponto de entrelaçamento entre a experiência interna – sujeito – com a experiência externa – representação.

Finalizando, no terceiro capítulo vimos que Schopenhauer deixa clara sua insatisfação sobre o conhecimento parcial do mundo, recusando-se a limitar-se apenas ao conhecimento aparente das representações. Então ele resolve analisar o mundo visto sob um ponto de vista diferente da representação, levando-o à análise do ponto de vista da Vontade. Indo além das representações, o filósofo chega à Vontade como algo totalmente diverso do mundo aparente, ela não obedece aos critérios do princípio de razão, está totalmente à parte dele. Embora a Vontade seja única e indivisa, suas representações não são, elas podem se apresentar de diferentes formas e graus de clareza e nitidez em relação à proximidade de objetivação da Vontade. A Vontade não tem causa, mas é a causa de tudo, das representações e do mundo que podem ser intuídas de diferentes formas. Então, Schopenhauer busca mostrar a possibilidade ainda não aceita pelo kantismo de que podemos chegar a um conhecimento fora das representações.

Em concordância com Kant, podemos observar que Schopenhauer argumenta que os fenômenos – representações – não são vazios, que todos têm uma essência, que está oculta ao nosso entendimento e às suas regras, No entanto, esta concordância se mostra imparcial a partir do momento que ele infere que, embora o conhecimento da coisa em si seja imparcial, ainda assim existe a possibilidade de conhecimento desta com alguma limitação. Isso acontece através da consciência de si, como uma forma do sujeito conhecer a si mesmo e sua própria vontade, através daquilo que queremos e como este querer nos afeta. Podemos conhecer o que afeta nossa vontade de forma negativa, quando sentimos dor, sofrimento ou mal estar; e também podemos conhecer o que afeta nossa vontade de forma positiva, quando sentimos prazer ou bem estar. Ao conhecer a representação e a Vontade, conhecemos o mundo e não resta nada mais a ser conhecido.

Podemos ver a Vontade nos corpos em suas manifestações nos organismo, pela alternância entre saúde e doença, bem estar e mal estar, em uma luta com ela mesma pela objetivação. Tanto os corpos, quanto as doenças são manifestações da mesma Vontade, lutando com ela mesma pela objetivação mais perfeita. A Vontade se manifesta do fazer-efeito nos corpos e se torna visível no limite entre o mundo como representação e o mundo como Vontade, na medida em que se manifesta em um objeto específico, que é o ponto de ligação entre esses dois mundos: o corpo.

O corpo é a visibilidade da Vontade nos seres. Quando o animal deixa o ovo, casulo ou o ventre, ele que antes vivia apenas como Vontade, passa a conhecer as representações e a conhecer a Vontade de forma diferente. Pelas afecções em seu corpo, ele a conhece nele se manifestando e que agora deixa de agir por estímulos e passa a agir por motivos, que, embora ainda sejam guiados pela Vontade, ganha o auxílio do conhecimento. No corpo humano, ela atinge seu mais alto grau de objetivação, podendo-se observar nele a atuação da Vontade conjuntamente com a intuição e a capacidade de abstração derivada da razão.

No entanto, a Vontade atua também de forma cega e irracional no homem, através das funções que mantêm seu corpo, como a circulação sanguínea, o crescimento, a digestão, entre outras funções que são alheias ao conhecimento ou ao fundamento. No homem, a Vontade se manifesta em seu querer, o homem é um ser que quer e seu corpo é o espelho do seu querer, ele obedece a sua vontade. A ação do seu corpo é a ação da Vontade e os atos desta são sentidos no corpo e, embora este não seja um conhecimento total, é o conhecimento dos atos isolados da Vontade. O conhecimento que tenho da minha Vontade é o conhecimento que tenho do meu corpo, um é inseparável do outro.

O conhecimento duplo que tenho do meu corpo, como aquele que faz efeito e também como aquele que sofre a ação da Vontade, é o que me possibilita conhecer o mundo em seus lados complementares, pois o compreendo também como este mundo, ora como Vontade e ora como representação. Compreender o mundo como Vontade é compreender minha própria vontade objetivada em nosso corpo, que, através de um processo de analogia, podemos então compreender a Vontade nos demais corpos e no mundo, pois ela é objetivada em meu corpo, nos demais corpos e no mundo, sendo a mesma, intuída de formas diferentes; ela é única e é a mesma em todos os lugares, é o fundamento da existência de tudo.

Podemos concluir com este trabalho que o corpo se faz totalmente necessário para a compreensão do mundo metafisicamente na Teoria do conhecimento de Schopenhauer. O corpo está presente no mundo como representação e no mundo como vontade, e é responsável pelo entrelaçamento dos dois; ele faz a ligação entre Vontade e Representação no conhecimento de ambos. Como representação ele é objeto imediato, é aquele que faz o intermédio do conhecimento do mundo aparente para o sujeito; e como Vontade, ele é objetividade, tornando a vontade acessível ao conhecimento sob a forma de objetivação mais clara e nítida, mais próxima o possível da Vontade, mostrando que o corpo se faz um conceito extremamente relevante, tanto para o conhecimento metafísico da teoria de Schopenhauer, como buscamos demonstrar neste trabalho, quanto abrindo caminho para futuros trabalhos de pesquisa que busquem se aprofundar também em sua estética e ética. Assim como, também, possibilitando estudos de outros filósofos como Kant e Nietzsche, correlacionando suas teorias com esta que foi apresentada na presente dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOZA, Jair. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2001.

_____*Metafísica e imanência em Schopenhauer com um olhar especial para Nietzsche*. Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer . v.7,n.1,p.74-83, 2016.

_____*Schopenhauer*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003.

_____*Schopenhauer: A decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997.

BARROS, Roberto de A. P. *Metafísica imanente: Schopenhauer como ponto de inflexão*. Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer. v.8,n.2,p.02-14, 2017.

BASSOL, Selma. *A filosofia como decifração do enigma do mundo*. Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer. v.8,n.2,p.15-27, 2017.

BRUM, José Thomaz. *O Pessimismo e suas Vontades*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____*Schopenhauer e a crítica da razão. A razão e as representações abstratas*. Discurso. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, São Paulo, v. 15, p. 91-106, 1983.

CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Tradução de Valério Rohden. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DEBONA, Vilmar. *Schopenhauer e as formas da razão*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____*A outra face do pessimismo: caráter, ação e sabedoria da vida em Schopenhauer*. Loyola, 2020.

GHIRALDELLI JR, P. *O Corpo: Filosofia e Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural, Col. “Os Pensadores”, 1983.

MENDONÇA, Marinella Morgana. *O papel do corpo no pensamento ético de Schopenhauer*. Voluntas: Revista internacional de filosofia. UFSM, Santa Maria, v.10,n.1,p.110-123, 2019.

MONTEIRO, Fernando J.S. *10 lições sobre Schopenhauer*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PLATÃO, *A República*. Col. “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SAFRANSKI, Rudiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia: uma biografia*. Tradução de Willian Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para sabedoria de vida*. Tradução, prefácio e notas de Jair Barboza; revisão da tradução de Karina Jannini - São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

_____ *Fragmentos para a história da filosofia*. Tradução de Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____ *La cuádruple raíz del principio de razón suficiente*. Tradução: Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: Libreria “El Ateneo” Editorial, 1950.

_____ *Metafísica do belo*. Tradução, apresentação e notas de Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____ *Sobre a filosofia universitária*. Tradução de Maria Lúcia Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ *Sobre a quadrúplice raíz do princípio da razão suficiente: Uma dissertação filosófica/ Arthur Schopenhauer; tradução: Oswaldo Giacoia Júnior e Gabriel Valladão Silva*. — Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2019.

_____ *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2013

_____ *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. — São Paulo: Editora UNESP, 2015

_____ *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.